



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XVII (2016)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

A produção jesuítica sobre as artes de curar: reavaliando protagonismos, experiências e trocas interculturais (América platina, séculos XVII e XVIII)

Eliane Cristina Deckmann Fleck 

Como Citar | How to Cite

Fleck, Eliane Cristina Deckmann. 2016. «A produção jesuítica sobre as artes de curar: reavaliando protagonismos, experiências e trocas interculturais (América platina, séculos XVII e XVIII)». *Anais de História de Além-Mar* XVII: 59-99. <https://doi.org/10.57759/aham2016.36103>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2016. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2016. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

A produção jesuítica sobre as artes de curar: reavaliando protagonismos, experiências e trocas interculturais (América platina, séculos XVII e XVIII)

Eliane Cristina Deckmann Fleck*

Anais de História de Além-Mar XVII (2016): 59-100. ISSN 0874-9671

Resumo

Neste artigo, com base em informações extraídas das Cartas Ânua da Província Jesuítica do Paraguai, da obra *Materia Medica Misionera* (1710) – atribuída ao irmão jesuíta Pedro de Montenegro –, e do manuscrito, ainda inédito, *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776) – escrito pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador –, analisamos o significativo processo de trocas interculturais ocorrido nos colégios e reduções da Companhia de Jesus na América platina, destacando o papel desempenhado por informantes, enfermeiros e copistas indígenas, tanto na identificação, coleta e experimentalismos com plantas nativas, quanto na circulação dos saberes de Botânica Médica sistematizados pelos missionários jesuítas, sobretudo, no século XVIII.

Palavras-chave: Companhia de Jesus, Província Jesuítica do Paraguai, trocas interculturais, circulação de saberes, artes de curar, botânica médica.

Data de submissão: 08/12/2015

Data de aprovação: 10/05/2016

Abstract

In this article, based on information extracted from the *Cartas Ânua* of the Jesuitic Province of Paraguay, from the work *Materia Medica Misionera* (1710) – attributed to Jesuit brother Pedro de Montenegro –, and from the manuscript, so far unpublished, *Paraguay Natural Ilustrado* (1771-1776), written by Jesuit priest José Sánchez Labrador –, we analyse the significant process of intercultural exchange that took place in the colleges and reductions of the Company of Jesus in Platin America, highlighting the role played by indigenous informants, nurses and scribes, in the identification, gathering and experimentations with native plants, as well as in the circulation of the knowledge of Medicinal Botanic systematised by the Jesuit missionaries, above all in the 18th century.

Keywords: Company of Jesus, Jesuitic Province of Paraguay, intercultural exchanges, circulation of knowledge, arts of healing, medicinal botanics.

Date of submission: 08/12/2015

Date of approval: 10/05/2016

* Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2, Brasil. *E-mail:* efleck@unisinos.br.

A produção jesuítica sobre as artes de curar: reavaliando protagonismos, experiências e trocas interculturais (América platina, séculos XVII e XVIII)

Eliane Cristina Deckmann Fleck

Uma breve introdução ao tema

Ainda no século XVII, muitos dos jesuítas enviados às terras de missão da América hispânica, apesar de não serem «especialistas en la ciencia de Galeno y en Farmacopea», dedicaram-se à coleta e a experimentos com plantas nativas existentes nas imediações dos colégios e das reduções em que atuaram. No século seguinte, irmãos e padres jesuítas, contando com a colaboração de indígenas, não apenas produziram como fizeram circular saberes e práticas terapêuticas – através da intensa correspondência que os membros da ordem mantinham entre si e de cópias de tratados e receituários –, tanto entre as reduções e os colégios da Província Jesuítica do Paraguai, quanto entre aqueles instalados na Europa¹.

Em muitos destes espaços de atuação da Companhia, encontraremos personagens de indiscutível importância, que, apesar de habitarem regiões marginais no cenário intelectual do período – áreas tidas apenas como receptoras de práticas e saberes produzidos em outras partes do mundo –, foram decisivos na construção e renovação de conhecimentos consagrados de Botânica Médica e Cirurgia². Muitos destes irmãos e padres se dedicaram à produção de livros de referência para o conhecimento da natureza americana, dentre os quais se destacam as «Historias Naturales» e as

¹ Sabe-se que os «libros de medicina» manuscritos circulavam de redução em redução, sob a forma de cadernos, sem especificação de seu autor, e ainda que estes cadernos eram copiados para que as receitas não se perdessem. Um destes receituários [o «Manuscrito de São Borja»] – supostamente do século XVIII, pela forma de sua escritura – contém procedimentos e receitas para afecções do estômago e também para o parto e o puerpério. Não se pode dizer que este tenha sido o primeiro receituário de medicina guarani, mas sabe-se que foi encontrado na redução de São Borja [razão pela qual é denominado «Manuscrito de São Borja»], situada sobre a margem esquerda do rio Uruguai. Se, por um lado, o fato de estar todo escrito em guarani não permite que se afirme que seja um texto propriamente guarani, por outro, mostra a clara intenção, como se pode constatar na «Materia Medica Misionera», escrita pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, de colocar, concentrados nas reduções, os conhecimentos relativos às artes de curar à disposição dos missionários e dos índios.

² Ver mais em Jorge CAÑIZARES ESGUERRA, *Como escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*, México, Fondo de Cultura Económica, 2007.

«Materias Medicas»³. Em relação a estas últimas, especificamente, constata-se que se caracterizam não apenas pela inconfundível presença das concepções hipocrático-galênicas, mas também pela apropriação de saberes e de práticas curativas próprias das populações nativas americanas⁴.

As obras escritas pelo irmão Pedro Montenegro⁵ e pelo padre José Sánchez Labrador⁶ se inscrevem nesta produção intelectual jesuítica de

³ Luis Millones FIGUEROA e Domingo LEDEZMA, (eds.). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, Madrid, Iberoamericana, 2005, p. 10.

⁴ Se a incorporação de «aspectos de los lenguajes y las cosmovisiones aborígenes» pelos jesuítas conferiu, segundo Asúa, uma das «características distintivas de la ciencia en las misiones del Paraguay» (Miguel de ASÚA, *La ciencia de Mayo. La cultura científica en el Río de la Plata, 1800-1820*, Bueno

⁵ Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010, p. 193), nem sempre «hubo interés en reconocer de donde emanaban tales saberes», segundo Maria Silvia Di Liscia; no entanto, isso não impediu que padres e irmãos da Companhia iniciassem «un proceso apropiativo del manejo de la flota y la fauna con fines medicinales». Maria Silvia DI LISCIA, *Saberes, Terapias y Prácticas Médicas en Argentina (1750-1910)*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto de Historia, 2002, p. 299. De acordo com Heloísa M. Gesteira, para além da usual justificativa de que os jesuítas investigaram a natureza e trataram dos doentes com a precípua finalidade de praticar a caridade cristã e visando à «maior glória de Deus», é preciso «valorizar o esforço de coleta e sistematização do conhecimento médico por parte dos inicianos, demonstrando como tal iniciativa era feita a partir dos referenciais da cultura erudita do período, sendo os estudos sobre as virtudes das plantas e animais realizados a partir dos referenciais da História Natural e da Medicina hipocrática». Heloísa Meirelles GESTEIRA, «Manuscritos Médicos e circulação de idéias nas missões jesuíticas na América», *Anais Eletrônicos*, VII Encontro Internacional da ANPHLAC, Campinas, SP (2006), p. 1. Quanto aos procedimentos científicos – categorizar, sistematizar, ordenar de certa maneira – adotados pelos missionários jesuítas, «sin embargo, era preciso acceder al conocimiento exacto de sus propiedades y aprender a reconocer las especies en el campo, en medio de otras miles, recogerlas y cultivarlas, separando hojas, semillas, frutos o raíces, estudiando los jugos y las cocciones, los unguentos y las pomadas. Un proceso complejo, que requiere del ensayo y error, de un saber basado en la experiencia y en la razón, en la práctica y en la teoría». M. S. DI LISCIA, op. cit., p. 296.

⁶ Pedro Montenegro nasceu em 1663, na Galiza, Espanha, e faleceu em 20 de fevereiro de 1728, na redução de Mártires, Argentina. De acordo com o historiador jesuíta argentino Guillermo Furlong, o Ir. Pedro de Montenegro, teria sido um «exímio médico» e autor inquestionável da «Materia Medica Misionera» e do «Libro de Cirugía».

⁶ José Sanchez Labrador nasceu em La Guardia, cidade de La Mancha, no dia 19 de setembro de 1714 ou 1717 e faleceu em Ravena, em 10 de outubro de 1798. Ingressou na Companhia de Jesus em 5 de outubro de 1731, de acordo com Ruiz Moreno (1948), ou em 19 de setembro de 1732, segundo SAINZ OLLERO (1989). Iniciou seus estudos de Filosofia no Colégio de Valladolid, interrompendo-os para viajar ao Rio da Prata em 1734, acompanhando o Padre Antonio Machoni. De 1734 a 1739, estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Córdoba, concluindo sua formação no verão de 1739. Entre os anos de 1741 e 1744, atuou como professor na mesma cidade, dedicando-se, concomitantemente, aos estudos de História Natural.

Setecentos⁷ e revelam um intenso e dinâmico processo de trocas interculturais orientado tanto para o conhecimento da flora e da fauna das regiões que compreendiam a Província Jesuítica do Paraguai, quanto para o melhor atendimento de indígenas e missionários enfermos que viviam nas reduções e nos colégios mantidos pela Ordem⁸.

Tanto na obra *Materia Medica Misionera*⁹, escrita pelo irmão Pedro de

⁷ Além dos manuscritos de medicina escritos pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro e pelo padre jesuíta José Sanchez Labrador, existem o «Libro de medicina en lengua guarani» ou MS-Madrid, que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid (BNM), inserido em um manuscrito de Gregorio López (1542-1596), e o manuscrito «Pojha Ñaña. Materia Medica Misionera o Herbario de las Reducciones Guaranies. Misiones. Año de 1725», inteiramente redigido em guarani e atribuído ao irmão jesuíta Marcos Villodas, que vem sendo estudado pela linguísta Angélica Otazú, da Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción, Paraguai.

⁸ Nos «libros de medicina» que analisamos neste artigo tanto as enfermidades, quanto as terapêuticas e as plantas medicinais indicadas [por suas virtudes] se aproximam – e até se repetem – de forma muito significativa, o que nos leva a considerar plausível que os manuscritos que se seguiram àquele que, originalmente, Pedro Montenegro escreveu em 1710 procuraram reproduzi-las de forma que missionários e indígenas pudessem – mais eficientemente – contornar os efeitos de epidemias e de outras enfermidades.

⁹ Escrita no ano de 1710, a obra tem 458 páginas, além de 148 desenhos de plantas feitos à mão, e conta em seu frontispício com uma imagem de Nossa Senhora das Dores, padroeira dos doentes. Neste artigo, utilizamos também uma cópia manuscrita do ano de 1790, disponível para consulta no Arquivo do Instituto Anchietano de Pesquisas – IAP-UNISINOS, e também a versão de uma edição argentina, de 1945, disponível na Biblioteca Virtual del Paraguay. No exemplar manuscrito que consultamos há uma breve anotação feita à mão por Bartolomeu Melià e datada de 1986: «El presente manuscrito parece ser de la época y está escrito por quien no domina la lengua castellana, y así podría ser un índio misionero». Esta observação parece confirmar a hipótese levantada por Heloísa Gesteira de que estes textos eram copiados [pelos próprios missionários ou, então, por copistas indígenas], distribuídos e compartilhados pelos inicianos instalados em várias regiões atendidas pela Companhia de Jesus [daí trazer os nomes das espécies de plantas em espanhol, tupi e guarani], conformando uma «rede de troca de experiências e de informações» e um «processo de cosmopolitização das práticas médicas, que, por sua vez, era acompanhada por um processo de experimentação, cultivo e disseminação de plantas». Heloísa Meirelles GESTEIRA, art. cit., p. 5.

Montenegro, em 1710¹⁰, quanto no *Paraguay Natural Ilustrado*¹¹, iniciado em 1771, de autoria do também jesuíta Sanchez Labrador¹², encontramos registradas não só as dificuldades encontradas pelos missionários para contornar as epidemias que se abatiam sobre as populações indígenas, mas também as constantes – e necessárias – experimentações que tiveram que ser feitas devido às características do meio em que eles atuavam¹³ e que implicaram na coleta e na organização de saberes sobre a natureza e o território americano.

¹⁰ Segundo Maria Silvia Di Liscia, o autor da «Materia Medica Misionera» foi, efetivamente, Pedro Montenegro. A autora, no entanto, sustenta que ele a escreveu em 1702 e que «el padre Asperger la copió em 1710 con su nombre». M. S. DI LISCIA, op. cit., p. 301. Neste trabalho, contudo, consideraremos o ano de 1710, por ser o mais aceito entre os historiadores. Em relação à «Materia Medica», foram localizadas duas versões. A primeira, em formato digital, se encontra disponível na Biblioteca Virtual del Paraguay e a outra, um manuscrito datado de 1790, portanto, mais de 60 anos após o falecimento do irmão jesuíta – o que comprova a apropriação e a circulação da obra –, está sob a guarda do Instituto Anchietano de Pesquisas (IAP-UNISINOS), em São Leopoldo, RS. Visando à conferência de passagens e à identificação de adições ou de subtrações, optamos por confrontar as duas versões – a digital e a manuscrita –, recurso também bastante válido para a discussão sobre a apropriação e a difusão das informações sobre plantas nativas e procedimentos terapêuticos dados por Montenegro. Quanto ao «Libro de Cirugía», de 1725 – que, infelizmente, não foi localizado até o momento –, utilizaremos, exclusivamente, as informações que constam em F. GARZÓN MACEDA, *La Medicina en Córdoba*. Apuntes para su historia, Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodrigues Giles, 1916.

¹¹ Trata-se de José Sánchez LABRADOR, *Paraguay Natural Ilustrado*. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos phisicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. Parte Quarta, contiene los libros siguientes. I. De los Animales Amphybios. II. De los Animales Reptiles. III. De los Insectos. (Manuscrito inédito), Ravenna, 1771.

¹² A obra *Paraguay Natural Ilustrado* já mereceu alguns estudos, todos eles realizados a partir da consulta à fonte manuscrita no ARSI, tais como os de Guillermo FURLONG, *Naturalistas Argentinos durante la dominacion Hispánica*, Buenos Aires, Editorial Huarpes, 1948; de Aníbal Ruiz MORENO, *La Medicina en el Paraguay Natural (1771-1776)* del P. José Sanchez Labrador S. J., Exposición comentada del texto original, Tucumán, Universidad Nacional de Tucuman, 1948; e de Hector SAINZ OLLERO, Francisco Suárez CARDONA, Miguel Vázquez de Castro ONTAÑÓN, *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*, Madrid, Mopu, 1989. Sabe-se que Sánchez Labrador «realizou um dos mais amplos trabalhos sobre a natureza, a geografia e as sociedades da região platina colonial. [...] Ainda permanecem dúvidas sobre a forma como Sánchez Labrador redigiu tão vasta obra. Ollero acredita que [ele] teria conseguido levar muitos apontamentos feitos na América. [...] O mais provável é que tenha sido obrigado a escrever a maior parte da obra de memória». Artur BARCELOS, *O Mergulho no Seculum*, Porto Alegre, Editora Animal, 2013, pp. 92-93.

¹³ Sobre esta temática, recomendamos ver: Eliane Cristina Deckmann FLECK, *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*, São Leopoldo, Editora Oikos, 2014; Eliane Cristina Deckmann FLECK e Roberto POLETTI, «Esto es lo que yo buscaba [...] el conocimiento de las yerbas y su aplicación», *Anos 90* (UFRGS. Impreso), v. 19 (2012), pp. 411-436; Eliane Cristina Deckmann FLECK, «Da mística às luzes: a medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis (séculos XVII e XVIII)», *Revista Complutense de História de América*, v. 32 (2006), pp. 153-178.

Estas condições e motivações estiveram ainda mais presentes no século XVII, período de implantação das primeiras reduções, durante o qual alguns missionários enviados à Província Jesuítica do Paraguai – por terem tido a oportunidade de realizar «algunos estudios y alguna práctica quirúrgica en Europa» antes do seu ingresso na Companhia de Jesus – se viram obrigados a atuar também como enfermeiros, «medio médicos», «herboristas», boticários e cirurgiões. Sabe-se que o padre Cristóbal Altamirano chegou a organizar uma botica, que atenderia as demais reduções¹⁴, e também que o irmão Diego Bassuari chegou a escrever um «libro de medicina», com base em um «cartapacio de recetas [que fez vir da Europa]» e em suas experiências como enfermeiro nas regiões de Córdoba e Assunção¹⁵. Outro exemplo é o do irmão Blás Gutiérrez, que, por ter sido barbeiro e cirurgião de profissão antes de seu ingresso na Companhia, desempenhou o mesmo ofício junto ao Colégio de Córdoba¹⁶, como confirma seu necrológio, no qual se lê que «avia aprendido, leido e experimentado medicamentos para acudir a los enfermos e nesecitados»¹⁷.

¹⁴ Sabe-se que a primeira botica no território do Rio da Prata foi instalada pelos jesuítas, em Córdoba, na terceira década do século XVII, visando ao atendimento de enfermos «con propósitos de caridad». Acredita-se que, em Buenos Aires, somente em 1680, tenha sido aberta a primeira botica pública, que passou a fornecer águas simples e espirituosas, xaropes, infusões, azeites, unguentos e emplastros, bálsamos, tinturas, sais, pílulas e drogas tóxicas. De acordo com Furlong, o Padre Altamira Santafesino «fue el primero en montar y organizar en Candelaria, la más importante de las reducciones, una botica que sirviera para todas ellas». Guillermo FURLONG, *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires, Teorema, 1962, p. 604. Quando em 1767, os jesuítas foram expulsos, «el establecimiento dejó de funcionar hasta 1881, en que la Junta de Temporalidades – encargada de la administración de los bienes de dichos religiosos – la arrendo [...]». Guillermo FURLONG, *Médicos argentinos durante la dominación hispánica*, Buenos Aires, Huarpes, 1947, p. 63.

¹⁵ Guillermo FURLONG, op. cit., p. 605.

¹⁶ Segundo Astrain, o irmão coadjutor Blás Gutiérrez era «natural de Castilla la vieja; pasó a las Índias para ejercer su oficio de barbería y cirugía en que era primo [...] Acudiendo a los enfermos, hasta que dio la vida, y vino a morir en la misma demanda [vitimado pela epidemia que atingiu Córdoba entre 1635 e 1637] a los 72 años de su edad y 22 de Compañía, siendo un verdadero ejemplar y dechado de Hermanos Coadjutores». Joaquim GRACIA, *Los jesuítas en Córdoba – Desde la Colonia hasta la Segunda Guerra Mundial*, Córdoba, Editora de la Universidad Católica de Córdoba, 2006, p. 24. Assim como Gutiérrez, muitos outros homens – jovens ou maduros –, como Heinrich Peschke, Segismund Asperger e Pedro Montenegro, serviram à causa da Companhia de Jesus – para «maior glória de Deus» –, atuando como enfermeiros, médicos, boticários e missionários entre os indígenas e espanhóis, dedicando-se às experiências com plantas nativas e à produção de catálogos e receitas – empenhados em curar os doentes e em contornar os efeitos das epidemias – ou, então, aprofundando-se na leitura dos clássicos como alunos ou professores nos colégios da Ordem.

¹⁷ DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA [DHA], *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Provincia de la Compañía de Jesús. 1615-1637*, Tomo XX, Buenos Aires, Talleres Casa Jacobo Preuser, 1927, p. 472.

Houve outros, no entanto, como o padre Antônio Sepp, que, pouco familiarizado com as artes de curar, se viu obrigado a ordenar a realização de uma sangria durante a peste de varíola hemorrágica que se abateu sobre a redução de Nossa Senhora da Fé, no ano de 1695. O empenho na confecção de instrumentos sangradores mostrou-se insuficiente para controlar a epidemia, levando este jesuíta a afirmar que os métodos europeus eram impotentes para curar os enfermos, que sentiam algum alívio apenas com «los remedios caseros e con los propios de la farmacopea indígena»¹⁸.

Em carta enviada em 1702, o irmão Enrique Peschke – que desempenhava as funções de boticário no Colégio de Córdoba – parece confirmar a crescente importância que as «plantas en América» passaram a assumir nas terapêuticas curativas, apesar de observar que eram diferentes das europeias: «en Europa, aún aquellas que en ambas partes tienen las mismas propiedades [...] lo que en Alemania es ancho y áspero, es aquí lanceolado y liso, lo que hay que extender también a otras propiedades externas, por lo que toca a las internas, son maravillosas»¹⁹. À admiração dos jesuítas pela flora americana, contudo, se associava certa inquietação, pois era preciso

[...] acceder al conocimiento exacto de sus propiedades y aprender a reconocer las plantas en el campo [...] recogerlas y cultivarlas, separando hojas y semillas, bayas de raíces, estudiando los jugos y las cocciones, los ungüentos y las pomadas. Un proceso complejo, que requería del ensayo y error y de un saber basado en la experiencia y en la razón, en la práctica y en la teoría.²⁰

A questão que se colocava para os jesuítas que se dedicavam aos estudos de Botânica e à Medicina no início do século XVIII era, sem dúvida: «Cuál es la orientación a seguir [...] cuando la guía botánica es todavía la de Dioscórides y la medicina se debate entre el galenismo y la iatroquímica, entre Paracelso y el nuevo vitalismo?» Muitos deles estavam conscientes de que o sistema de classificação e a nomenclatura das plantas, a partir de suas qualidades galênicas, poderiam resultar em problemas de

¹⁸ Nora Inês ECHENIQUE e Miriam Mirabel FERREIRA, «La Medicina en las Reducciones Jesuíticas», *Anais*, Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, (1985), pp. 253-254.

¹⁹ Juan MUHN, *La Argentina vista por viajeros del siglo XVIII*, Buenos Aires, Huarpe, 1951, p. 49.

²⁰ M. S. DI LISCIA, op. cit., p. 35. Sabe-se que, além das boticas, os jesuítas mantiveram herbários junto aos colégios e às reduções. A precariedade com que era realizado o transporte e as condições em que chegavam os medicamentos vindos da Europa motivaram os missionários a conhecerem melhor a flora americana e suas possíveis utilidades no atendimento dos enfermos. É preciso, no entanto, ressaltar que plantas medicinais europeias, como o alecrim, a menta, o cominho, a camomila e a losna também foram cultivadas nos herbários dos colégios e nas reduções jesuíticas.

aplicação, dada «la semejanza que suelen tener unas [plantas] calientes con frías, y cordiales con venenos», razão pela qual «examinaban las propiedades de supuestos medicamentos probándolos una y otra vez, en diferentes pacientes y enfermedades, para determinar su utilidad»²¹.

A adoção desses procedimentos fica, aliás, bastante evidente na já referida obra «Materia Medica Misionera», na qual se constata a influência exercida por Dioscórides e por Galeno [«filósofo y príncipe de la Medicina»]²². Se a intenção do irmão jesuíta Montenegro era a de inventariar informações relativas às propriedades curativas das plantas medicinais nativas, consideradas fundamentais para a prática médica nas áreas de atuação da Companhia de Jesus, não deixa, no entanto, de registrar informações sobre «estos pobres índios» com os quais estava em contato e, também, de tecer considerações sobre a qualidade do atendimento prestado aos doentes na então Província Jesuítica do Paraguai. Em relação a este último aspecto, esclarece que na Europa «solo curan hombres capaces, y médicos y cirujanos aprobados, y que han pasado por clases de Theorica, y por maestros en practica, ó por hospitales en ambas materias», enquanto que na América²³ a situação era lastimável²⁴, pois as pessoas estavam à mercê de:

²¹ M. S. DI LISCIA, op. cit., pp. 39-41. É preciso considerar que, durante o século XVIII, «la fructífera relación de la química y la medicina iniciarán un proceso de cambio en la farmacología y jugaron un papel fundamental en el terreno terapéutico. A partir de entonces se produjo una larga carrera entre químicos, farmacéuticos y médicos para encontrar componentes realmente activos de los extractos vegetales». Carlos PAGE, Maria Cristina Vera de FLACHS, «Textos Clásicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay», *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*, n. 13 (2010), p. 121.

²² ARQUIVO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS [IAP], *Materia Medica Misionera*. (Manuscrito de 1790, atribuído ao irmão jesuíta Pedro Montenegro), Prólogo. Em relação a este aspecto, deve-se, inegavelmente, «valorizar o esforço de coleta e sistematização do conhecimento médico por parte dos inicianos», mas tendo consciência de que «tal iniciativa era feita a partir dos referenciais da cultura erudita do período, sendo os estudos sobre as virtudes das plantas e animais realizados a partir dos referenciais da História Natural e da Medicina hipocrática». H. GESTEIRA, art. cit., p. 1.

²³ Pedro MONTENEGRO, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, Prólogo. O exercício da Medicina na Espanha – e, posteriormente, na América, no México (1546) e em Lima (1570) – era regulamentado pelo Protomedicato que concedia a licença necessária para o desempenho da profissão. As regras de seu funcionamento foram definidas somente durante o reinado de Felipe II (1527-1598), período em que foram instaladas cátedras nas universidades e criados hospitais para o fomento dos estudos de Medicina. Sabe-se que existiam três categorias de médicos à época: o doutor (aquele que havia completado seus estudos na universidade), o licenciado (autorizado a exercer a medicina ou a cirurgia, dentre os quais se destacavam os práticos) e o médico militar. À margem destas categorias, encontravam-se os boticários (encarregados da preparação e venda de medicamentos) e os sangradores.

²⁴ Montenegro afirma que, ao longo dos 21 anos de atuação como missionário na América platina, havia entrado em contato com apenas um médico e um cirurgião formados.

[...] Médicos Curanderos y Curanderas; mas les cuadra el nombre de mata-sano, que el de Cirujano, y el de carnicero que el de medico, ó curandero, y son tantos y tantas los dados á esta secta de locos, que entre tal gana ganado poco ó nada hay que escojer, y cierto es, que á ellos les fuera mejor arar para sustentarse, y á ellas hilar la rueca, que ciegos y cargados de ignorancia, sin advertir el peligro de sus conciencias; ni los homicidios que hasen en los pobres enfermos, que como nesecitados admiten el socorro, que estas sabandijas, ó casta de locos les ofrece, no con pequeño riesgo de sus vidas [...].²⁵

Para além da desqualificação do atendimento prestado pelos «médicos curanderos y curanderas», que acabaria por justificar o ofício de «autor de Botica» que Montenegro viria a assumir, a obra nos revela tanto o papel que a Companhia desempenhou na circulação dos conhecimentos de Botânica médica sistematizados pelos seus membros nas diversas Províncias da Companhia na América, na Europa e no Oriente, quanto o papel dos indígenas informantes, enfermeiros e copistas na identificação, na coleta e nos experimentalismos feitos com plantas nativas. Além das duas obras que analisamos, uma delas escrita em 1710, ainda na América, e a outra escrita entre 1771 e 1776, durante o exílio, em Ravena, na Itália, também na correspondência trocada entre os missionários e encaminhada ao Padre Geral da Companhia de Jesus, as Cartas Ânua^s²⁶, fica evidente a manutenção de determinadas práticas curativas tradicionais nos colégios e nas reduções e o papel desempenhado pelos indígenas, como procuramos demonstrar neste artigo.

Evidências de apropriação e circulação de saberes e práticas curativas: dos primeiros experimentos aos «Libros de Medicina»

Uma análise das Cartas Ânua^s escritas pelos missionários jesuítas nos séculos XVII e XVIII revela que muitos deles se dedicaram ao registro e à sistematização tanto das virtudes medicinais das plantas nativas encontradas no entorno das reduções e dos colégios mantidos pela Companhia de Jesus, quanto das práticas curativas adotadas pelos indígenas. Preocupados em

²⁵ Pedro MONTENEGRO, op. cit., Prólogo.

²⁶ As Cartas Ânua^s tinham como base os relatórios anuais que o Provincial recebia dos superiores das residências, colégios, universidades e missões junto aos índios, sendo redigidas pelos secretários ou por pessoas com capacidade para escrevê-las, designadas pelo Provincial. Vale lembrar que cabia a esta correspondência unir, por meio da escrita, os diversos e esparsos membros da Companhia de Jesus, promover uma propaganda edificante que inspirasse novas adesões e, ainda, compartilhar as experiências alcançadas, de maneira a tornar as missões mais frutíferas pela troca de informações.

contornar os efeitos das epidemias que atingiam as reduções, os padres decidiram recrutar um corpo de enfermeiros indígenas, os *curuzuyás*, que deveriam «enterarse cada mañana si había algún enfermo en su respectivo barrio o cuartel y como andaban los que ya se sabia que estaban enfermos». Cabia a eles fazer o diagnóstico e sugerir a medicação «según su saber y poder» e, inclusive, administrar todos «los sacramentos, el viático y extrema unción»²⁷. De acordo com Hernández, os *curuzuyás* eram «cuatro, seis ú ocho en cada pueblo y para que pudiesen ejercitar su cargo, estaban exentos de las tareas comunes, y aun les cultivaban su chacra los otros índios» para que pudessem preparar e levar «las medicinas convenientes» aos doentes²⁸.

Na Ânuia de 1635-1637, encontramos registros do envolvimento dos indígenas, inclusive, daqueles que haviam buscado atendimento nos colégios, em tarefas que cabiam aos enfermeiros: «el personal que vive en el colégio, por atender a los apestados se contagian a raíz de lo cual fallecen [...] las indias enfermas por su parte tenían que barrer las salas [...] limpiar los instrumentos de cirugía [...]»²⁹, além de «freg[ar] los platos y pucheros en que comían y lava[r] las alhajas de los que morían»³⁰. Também «los índios de la Congregación de Nuestra Señora acudían [...] a ejercitar su mucha caridad con los enfermos, a aderazarles las camas»³¹.

Na Ânuia de 1650-1652, encontramos relatadas duas situações de complicações surgidas durante o parto. Numa delas, a mulher «estaba ya sufriendo por tres días, y agonizando, cuando se salvó su vida tocándola con la medalla de San Ignacio»; na outra, uma mulher «embarazada la primera vez, pero con un apostema maligno en al seno», foi socorrida pelo padre que lhe aplicou «una reliquia de nuestro Padre Ignacio. Nació bien el hijo, y sanó la madre por completo»³². Em relação ao primeiro caso, o padre registra que «habían ya auxiliado la moribunda», tendo sido chamado – tardiamente e apenas – para administrar os sacramentos³³. Quanto ao auxílio prestado à parturiente moribunda, é preciso considerar que as

²⁷ Guillermo FURLONG, *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*, Buenos Aires, Ediciones Theoria, 1962, p. 613.

²⁸ Pablo HERNÁNDEZ, *Organización Social de las Doctrinas Guaraníes de la Compañía de Jesús*, Barcelona, Gustavo Gili Editores, 1913, pp. 291-292.

²⁹ DHA, *Cartas Ânuias de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Provincia de la Compañía de Jesús. 1615-1637*, Tomo XIX, Buenos Aires, Talleres Casa Jacobo Preuser, 1927, p. 687.

³⁰ Guillermo FURLONG, op. cit., p. 165.

³¹ Guillermo FURLONG, op. cit., p. 612.

³² IAP, *Cartas Ânuias de la Provincia del Paraguay – 1650-1652* [Versão manuscrita 1927], p. 11.

³³ IAP, *Cartas Ânuias de la Provincia del Paraguay – 1650-1652*, p. 11.

mulheres prestes a dar à luz contavam com o apoio – e o conhecimento – de indígenas parteiras, como se constata nesta referência feita a elas na *Ânua* de 1659-1660:

Había otra moribunda de parto con hemorragia. Por su extremada debilidad estaba desahuciada por las parteras, diciendo ellas, que la criatura se había muerto en el seno de ella. Auxiliaron a la moribunda con los últimos sacramentos de la Iglesia, y trajeron una reliquia de nuestro Santo Padre. Hizo entonces la mujer la promesa de comulgar por la fiesta de San Ignacio, en caso de escaparse del peligro.³⁴

A menção feita a um parto seguido de hemorragia permite uma breve incursão na obra «*Materia Medica Misionera*». Nela, encontramos uma menção ao «pão porcino», planta empregada para combater veneno de cobras, para purgar a fleuma [um dos quatro humores] ou provocar a menstruação: «Proboca el mestruo a ora se beba o se apliq.^e a la natura dela mujer atada su rais al muslo izquierdo dicen acelera el parto»³⁵. Apesar de parecer um tanto curiosa a orientação de que não era necessária sequer a ingestão da planta para que essa provocasse o efeito esperado – desde que a raiz fosse amarrada na coxa esquerda –, constatamos que procedimentos semelhantes a este eram largamente empregados na Europa, sendo recomendados por Pedro Hispano³⁶ e, especialmente, Dioscórides, que exerceu grande influência sobre Pedro Montenegro.

³⁴ IAP, *Cartas Ânua de la Provincia del Paraguay* – 1659-1660 [Versão manuscrita 1927], pp. 53-54.

³⁵ IAP, *Materia Medica Misionera*. (Manuscrito de 1790, atribuído ao irmão jesuíta Pedro Montenegro), p. 123.

³⁶ Dentre as obras de medicina atribuídas a Pedro Hispano – formado pela Universidade de Medicina de Siena –, destaca-se o *Thesaurus Pauperum*, que data do final do século XIII e reúne orientações de autores clássicos da Medicina sobre vários temas, e que continuavam sendo adotadas nos séculos XVII e XVIII. Numa breve consulta à edição de 1973 desta obra, patrocinada pela Universidade de Coimbra, localizamos nos capítulos XLVI e XLVII, intitulados *Contra a dificuldade no parto* e *A dor depois do parto*, respectivamente, uma série de procedimentos – recomendados por Dioscórides – a serem adotados durante complicações de parto. Algumas das orientações atribuídas a ele e compiladas por Pedro Hispano – ou Papa João XXI – são: “Item 17 – atando serpentária às virilhas da parturiente, imediatamente dará à luz; item 18 – aplicar um emplastro quente de artemísia cozido em água, e imediatamente expele o feto e as secundinas; Item 33 – atar à coxa raiz de ciclame faz dar à luz mais cedo; e, se a mulher passar por cima dessa raiz terá um aborto; dar a beber a erva ou a flor da violeta branca provoca a menstruação depois do parto, extrai a criança morta e destrói a viva; item 34 – aplicar folhas de madressilva põe fora o parto; mas retirem-se logo, não vão arrastar a madre [o útero]; bebê-las expele o feto vivo ou morto e as secundinas.” *Apud* Maria Helena da Rocha PEREIRA, *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis, 1973, p. 276.

É plausível supor que as inúmeras situações de complicações de parto que Montenegro presenciou ou, então, as informações que obteve de outros indígenas sobre o trabalho das parteiras tenham favorecido a descrição de plantas nativas americanas com propriedades muito similares às que eram amplamente utilizadas na Europa, tais como a serpentária, a artemísia, o ciclâmen, a flor de violeta branca e a madressilva, referidas por Dioscórides. O irmão jesuíta não deixará, contudo, de advertir sobre a inadequação do consumo da planta por mulheres grávidas, pois ela poderia provocar o parto prematuro ou mesmo o aborto. Em relação aos procedimentos adotados pelas parteiras, vale resgatar o registro feito por Montenegro sobre o uso do tabaco durante os partos:

La raíz del o mascando un pedacito con una pupada de ancho la muger que no puede echar la criatura muerta o viva, tragando el sumo de ella echa luego todo lo tenido sino es que este tan atrabesada la criatura que no pueda salir sin que la revuelvan, y esto hace con mayor eficacia y prestesa si la partera masca otro pedaso de rais y con aq.ella saliva le da unción en los y jares y quadriles ala paciente al mismo tpô. q.e ella traga la saliva de la rais que ella masco poniéndola en pie para q.e salga la criatura.³⁷

A menção feita à ajuda prestada pela parteira, mascando tabaco e ungiendo os quadris da parturiente com saliva, revela não apenas a manutenção de práticas tradicionais largamente adotadas pelos indígenas – mesmo antes de serem reunidos nas reduções jesuíticas –, como o papel que as mulheres viriam a desempenhar no atendimento de gestantes e de doentes nas enfermarias e nos hospitais nelas instalados. Sabe-se que, ainda hoje, em alguns grupos indígenas, as mulheres «ayudan con palabras de ánimo, masajes, unciones, infusiones y té a base de *ys i y vrych*, ‘planta que machacada se torna gomosa y resbaladiza’, atributos que supuestamente facilitan el parto». Em relação às parteiras, sabe-se que eram «reconocidas por su habilidad en reencajar la criatura en los últimos días del embarazo, haciendo que el o la bebé nazca “de cabeza” y no “de pie” [...] el trabajo de parto se hacía en una casita separada, construida para ese fin y proveída de fuego»³⁸.

As inúmeras referências a complicações surgidas durante partos que encontramos nas *Ânuas* da segunda metade do século XVII se mantêm nas *Ânuas* da primeira metade do século XVIII, como se pode constatar

³⁷ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 188.

³⁸ Graciela CHAMORRO, *Decir el Cuerpo – Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní*, Asunción, Tiempo de Historia e Fondec, 2009, pp. 266-267.

na passagem a seguir e na qual ficam evidentes as críticas de alguns missionários à atuação das parteiras indígenas: «En una estancia vecina estaba gravemente enferma de parto la esposa de Don Alonso de Alfaro. Duró ya 10 días este tormento, por la mala colocación de la criatura y la ignorancia de la partera»³⁹.

Bastante ilustrativos da manutenção de saberes e práticas nativas relacionadas aos partos ou aos abortos nas reduções são os registros que dão conta de que os familiares de uma parturiente já haviam indicado uma série de remédios para que os fetos mortos fossem expelidos e que, por não terem alcançado êxito, recorreram ao padre para que administrasse os sacramentos à moribunda:

Había llegado a un peligro extremo de su vida cierta señora, madre de unos gemelos mellizos, muertos antes de su nacimiento, sin que ella le pudiera dar a la luz, no obstante de todos los remedios que le habían aplicado sus parientes y conocidos. Ya que ella estaba para espirar, se llamó a uno de nuestros Padres, para administrarle los últimos sacramentos. Replicó le el Padre que acudiese con confianza a la protección de nuestro santo patriarca San Ignacio, cuyo socorro en casos de difícil parto era un hecho reconocido en todo el mundo [...] aplicándose aquella santa reliquia [...] dio ella la luz las criaturas y libróse con eso del inminente peligro de muerte con gran admiración de los de su familia.⁴⁰

As passagens destacadas das *Ânuas* e da «Materia Medica Misionera» evidenciam que tanto europeus quanto indígenas conheciam uma infinidade de plantas e procedimentos que favoreciam o aborto, garantiam a continuidade da gravidez e, também, um bom parto. É muito provável que os jesuítas boticários dos colégios e das reduções, e até mesmo aqueles que atuavam como enfermeiros ou médicos, conhecessem as propriedades abortivas de certas plantas que passaram a ser cultivadas nos herbários mantidos pelos missionários. Vale lembrar também que, dentre as recomendações feitas em 1747 pelo padre José Cardiel aos missionários que se dirigiam à América, estava a de que trouxessem alguns livros, inclusive um de «medicina casera»⁴¹, o que poderia explicar o conhecimento e o uso de preparados abortivos, bem como de procedimentos indicados, tanto para favorecer a expulsão dos fetos [em consequência de abortos] e contornar

³⁹ IAP, *Cartas Ânua de la Provincia del Paraguay – 1720-1730* [Versão manuscrita], p. 79.

⁴⁰ IAP, *Cartas Ânua de la Provincia del Paraguay – 1720-1730* [Versão manuscrita], p. 52.

⁴¹ José CARDIEL *apud* Guillermo FURLONG, *José Cardiel y su Carta Relación* (1747), Buenos Aires, Librería del Plata, 1953, pp. 212-213.

dificuldades surgidas durante o parto, quanto para amenizar as dores no período pós-parto.

Informações sobre saberes e práticas curativas indígenas também podem ser encontradas em obras escritas por outros missionários da Companhia de Jesus. O padre jesuíta Martin Dobrizhoffer, por exemplo, ressaltará que os Abipones «son expertos conocedores de la utilidad de las hierbas medicinales que crecen en increíble abundancia allí»⁴², e chega a descrever o uso que os índios faziam da substância contida no chocalho da cauda das cascavéis para curar dores de dentes e outras doenças⁴³. O padre Sánchez Labrador, por sua vez, descreve o uso que os indígenas chiquitos faziam da resina retirada de uma árvore, que, queimada como incenso ou aplicada como emplastro, curava dores do corpo⁴⁴.

A observação das práticas curativas adotadas pelos indígenas e os experimentos feitos com plantas nativas ficam muito evidentes na «Materia Medica Misionera», como nesta passagem em que Montenegro refere as virtudes do *araçay*, encontrado nas regiões que circundavam as reduções e utilizado para combater as «camaras de sangre»: «*Pusso la Divina Providencia en estas tierras tan pobres de médicos y boticas, y la cria en tanta abundancia que hombres e animales se valen de ella para sustento y medicina*»⁴⁵.

Mas a observação e as experiências podiam também alterar concepções clássicas, levando o irmão Montenegro a discordar de Dioscórides quanto ao modo de secar as flores: «Las flores en estas tierras tengo experiencia, que las secadas á la sombra presto se corrompen de polilla, ó humedad, principalmente la rosa». E reforçava que mesmo que quisessem criticar-lhe «esta experiencia no es solamente mia, sin que primero me haya

⁴² Martin DOBRIZHOFFER, *Historia de Los Abipones* [1784], Resistência, Universidad Nacional Del Nordeste, 1967, t. 2, p. 250. Martin Dobrizhoffer nasceu em Friedberg, em 1718. Ingressou na Companhia de Jesus em 1736, e dez anos depois iniciou os estudos de Teologia, na Universidade de Gratz. Um ano depois foi enviado para a América, onde atuaria como missionário junto aos Abipones e, posteriormente, entre os índios itatines. Após a expulsão da Companhia de Jesus da América, em 1767, atuou como bibliotecário da Casa professa em Viena, na Áustria. Foi a rainha Maria Teresa quem o incentivou a escrever sobre sua experiência na Província Jesuítica do Paraguai. Os três volumes da obra «Historia de los Abipones» foram escritos entre os anos de 1777 e 1782, mas seriam publicados somente em 1784.

⁴³ Martin DOBRIZHOFFER, op. cit., p. 257.

⁴⁴ José Sanchez LABRADOR, *El Paraguay Católico* [1770], Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, 1910, t. 1, p. 19.

⁴⁵ IAP, *Materia Medica Misionera*. (Manuscrito de 1790, atribuído ao irmão jesuíta Pedro Montenegro), p. 44 (grifos nossos).

alumbrado el peritísimo Fr. Francisco Sirena, religioso de San Agustín, excelente boticario moderno en su farmacopéa [...]»⁴⁶.

O irmão Montenegro, aliás, não deixou de registrar a engenhosidade dos indígenas, como se pode constatar na descrição que faz da aplicação da planta «vívora de Tarija». O irmão jesuíta informa que, inicialmente, suas propriedades eram conhecidas apenas por um espanhol, que não as revelava por «el interés que le corria». O segredo, no entanto, acabou sendo revelado por um indígena – um caridoso cristão – que, muito perspicaz, observou-o – à distância – colher determinada erva após ser picado por uma cobra:

[...] al punto corrió á un vallecito de un arroyuelo, y un Indio tráz de él, vió que cojió esta yerba, la mascó y aplicó á la herida, y mascando mas tragó el zumo. Dicho Indio fué mas Cristiano, por que luego comunicó el secreto á un su compañero, y de aquí resultó el descubrimiento para conocer su preciosa virtud, y aquel secreto del codicioso europeo. Esto me lo contó dicho Pe. Tomas Moreno.⁴⁷

Este registro possibilita a reflexão sobre três situações: a primeira, que parece revelar o uso de plantas medicinais nativas pelos não-nativos, no caso, por um «encomendero» espanhol, que viria a ser descrito como «codicioso»; a segunda, que destaca a engenhosidade do indígena, que parecia desconhecer a flora da região onde se encontrava e que será descrito como «más cristiano» – na comparação com o espanhol –, e a terceira, que informa que o ocorrido em Tarija havia sido relatado ao irmão Montenegro – instalado no colégio de Córdoba – por outro padre, muito provavelmente, outro jesuíta encarregado do atendimento espiritual dos indígenas da região do noroeste da Argentina.

A existência de medicamentos estocados nas boticas de colégios ou reduções, bem como a circulação de conhecimentos que se dava entre as diferentes regiões de atuação dos missionários jesuítas fica evidente nesta passagem que extraímos da *Ânuua de 1720-1730*:

Por colmo de desdicha, siguió después de tres meses otra epidemia, la cual había causado ya inmensos estragos en Lima y en Cuzco, ciudades principales del Perú. *Por suerte nos habíamos ya provisto con una buena reserva de medicamentos, llegados de allá; así se pudo cortar el contagio en Tarija*, donde

⁴⁶ Pedro MONTENEGRO, op. cit., 1945, Advertencias Necesarias.

⁴⁷ Pedro MONTENEGRO, op. cit., p. 331.

habían sido atacadas ya familias enteras, con la consiguiente molestia de los Padres que los tuvieron que auxiliar.⁴⁸

Como podemos constatar, mesmo sendo um tratado médico, a «Materia Medica Misionera», escrita por Montenegro, parece comprovar não apenas a circulação de medicamentos e conhecimentos entre os jesuítas – através das cópias de tratados e receituários e da intensa correspondência que entre si mantiveram –, mas também a interação de indígenas e missionários, como evidenciado no relato que transcrevemos.

A consulta aos tratados clássicos, a observação, a coleta e os experimentalismos com plantas nativas⁴⁹ parecem ter sido complementados através de intensas trocas com indígenas informantes, como se pode constatar nesta passagem em que Montenegro esclarece que as informações sobre as propriedades da «batatilla» lhe teriam sido repassadas por um índio já convertido:

Ussanla algunos Indios para camaras de sangre assi per bebidas como per ayudas, nose con que buenos susezos, o malos *solo di algún crédito a un buen christiano llamado Clemente* [...] que me aseguro era buena y eficaz medicina y assi no dudo seran las camaras per una de dos causas opor indigestion grave o cosa asentada en el estomago, o por lombrices, o por gujanos que en estas causas le hallo puede ser eficaz.⁵⁰

Na «Materia Medica» são constantes as referências à utilização de plantas medicinais americanas na Europa e na Ásia, apontando não apenas para a circulação de medicamentos, mas também para a troca de conhecimentos e de práticas terapêuticas. Isto pode ser constatado na menção feita ao «bálsamo de copayba» – indicado no tratamento de feridas –, que «es oy mui conocido y usado por toda la Europa, Africa y America, y con grande estima y subido precio en el Japon y China segun estoi informado a causa de sus admirables virtudes»⁵¹. Chama-nos a atenção o quão bem informado estava o irmão jesuíta, sobretudo na menção feita ao preço elevado da «copayba» no Japão e na China, o que parece comprovar que havia efetivamente na América – nas e entre as regiões das Províncias jesuítas-

⁴⁸ IAP, *Cartas Ânua de la Provincia del Paraguay – 1720-1730* [Versão manuscrita], p. 129 (grifos nossos).

⁴⁹ Francisco Suarez de RIBERA, *Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos*, Madrid, por Francisco del Hierro, 1724-1725, p. 7.

⁵⁰ IAP, *Materia Medica Misionera*. (Manuscrito de 1790, atribuído ao irmão jesuíta Pedro Montenegro), p. 140 (grifos nossos).

⁵¹ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 11.

cas relativamente isoladas geograficamente – uma contínua circulação de informações e ideias.

Para além das recorrentes menções aos autores clássicos, uma passagem na obra parece comprovar a circulação de conhecimentos da arte médica. Nela, Montenegro menciona que, apesar de uma relativa demora, «[...] llego a mis manos las obras de Guillermo Pison, y Jacobo Bonti q.^c escribieron en el Bracil (ñ) en varias Plantas con los nombres de estas tierras [...]». A circulação de algumas obras, especialmente as escritas por protestantes, foi – como bem observado por Montenegro – prejudicada pela censura exercida pelo Santo Ofício:

Muchos años he andado para descubrir esta tan noble rais y escogida después que vi su dibujo en las obras de Menardes y Guerta, *pero pasados dies y ocho años, de Inquisición llegan a mis manos las obras de Guillermo Pison, y las de Jacobo Bonti* ynformado mejor de sus circunstancias.⁵²

À semelhança de Piso, Montenegro dedicou-se a observar a natureza⁵³ – tanto do regime dos ventos e das águas, quanto dos hábitos dos índios e também dos animais –, o que se manifesta na descrição que faz das virtudes do «ceibo»:

[...] y ese remedio usa muchas veces al tigre para refrigerar el ardor de sus uñas embenenadas de gran calor y humedad el qual subiendo a el arana su cortesa profundamente hasta el mismo pala dejandola como zapato [ilegível], con lo qual se refresca y queda muy ligero para sus caserías y pescas [...].⁵⁴

⁵² IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 96 (grifos nossos).

⁵³ Empenhados em evitar as epidemias, os missionários procuravam instalar as reduções em áreas que garantiriam a saúde dos indígenas. No século XVIII, os missionários continuaram observando as Instruções definidas em 1610 pelo Provincial Diego de Torres Bollo, estabelecendo as reduções longe da umidade danosa dos pântanos, para que pudessem desfrutar de ar mais puro, fugir dos mosquitos, sapos e víboras e contar com boas águas para beber, lavar-se e banhar-se, erguendo-as próximos a bosques, seguindo a orientação sul, o que favorecia os ventos frescos tão necessários nesta terra de tantos calores.

⁵⁴ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 55.

Além das referências a autores clássicos da Medicina, como Galeno⁵⁵ e Avicena⁵⁶, Montenegro faz especial menção a Dioscórides⁵⁷, que escreveu a importante obra «*De Materia Medica*». Alguns de seus editores e comentadores do século XVI, como Pietro Mattioli⁵⁸ e Andrés Laguna, são igualmente citados por Montenegro. Isto parece explicar por que, ao escrever sobre as qualidades encontradas nas plantas, o irmão jesuíta tenha recorrido a explicações dadas por Dioscórides e Mattioli: «Quatro son las qualidades calor, humedad, frialdad e sequedad, en cada una de estas se cuentan quatro grados, y los simples de q.^c se trata en este libro tienen de estas qualidades y sus grados en ellas»⁵⁹.

Em relação aos procedimentos que deveriam ser adotados para o reconhecimento das qualidades de cada planta, ele complementa: «Las qualidades actuales de calor, humedad, frialdad o sequedad, se discernem, o conocen por el tacto, cujo principal instrumento es el cuerecito interior de los dedos siendo en medio de todos los excessos constituído»⁶⁰. Outro fator importante para a identificação das utilidades das plantas era o sabor – que teria relação direta com as qualidades acima referidas –, pressuposto, aliás,

⁵⁵ É evidente a admiração de Pedro de Montenegro por Galeno, apresentado como «filósofo y príncipe de la Medicina» e sua identificação com as concepções médicas galênicas. IAP, *Materia Medica Misionera*, Prólogo. A maioria dos Tratados deste período reflete claramente esta concepção hipocrático-galênica, mostrando a forte influência desta teoria ainda no século XVIII, como fica exposto nos *Principios de Cirugía* de Ayala: «Y assi para que hagan sanidad estos humores, han de tener cierta cantidad, y qualidad, y que esten bien templados». Geronimo de AYALA, *Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad*, Valencia, Jayme de Bordazar editor, 1705, p. 6.

⁵⁶ Data do período da ocupação muçulmana da Península Ibérica, mais precisamente de 1440, a primeira tradução do árabe do Cânone da Medicina, de Ibn Sina, também conhecido como Avicena. Esta obra é uma síntese dos conhecimentos da Grécia Clássica, conjugando a Teoria dos Humores de Galeno com a Filosofia Natural, as Ciências Médicas e Naturais do período medieval. A obra tornou-se rapidamente o manual padrão das universidades europeias, apresentando de maneira sistemática o conjunto de conhecimentos médicos do mundo árabe. O *Cânone da Medicina* foi impresso pela primeira vez em 1527, tendo sido reeditado trinta e seis vezes, atestando sua ampla difusão e, consequentemente, a apropriação dos princípios, procedimentos e receituários nele contidos.

⁵⁷ O grego Dioscórides é considerado o fundador da Farmacognosia, através da sua obra *De Materia Medica*, considerada um clássico da Farmácia e da Botânica médica no século XVI. A obra está dividida em cinco livros, que descrevem cerca de 600 plantas, 35 fármacos de origem animal e 90 de origem mineral, dos quais cerca de 130 já apareciam no *Corpus hippocraticum*.

⁵⁸ Nascido em Siena, Mattioli (ou Mathiolo) estudou Medicina na Universidade de Pádua, tendo sido o médico de Ferdinando I e Maximiliano II. Foi autor de inúmeros tratados de medicina, com destaque para a obra *De morbi gallici curandi ratione*, tendo sido também o responsável pela tradução, em 1544, da obra *De materia*, de Dioscórides.

⁵⁹ IAP, *Materia Medica Misionera*, Advertências Necessárias.

⁶⁰ IAP, *Materia Medica Misionera*, Advertências Necessárias.

também observado e defendido por Geronimo de Ayala, e que pode ser observado na «Materia Medica Misionera»:

Conocen se también las virtudes potenciales de las medicinas o simples por los sabores, que [ilegível] el gusto los cuales por una mezcla delas cuatro cualidades primas son engendradas; de donde nacen que a los elementos puros, y simplísimos ningún sabor por no costar [*sic*] cada uno de ellos sino de dos cualidades.⁶¹

Segundo o irmão jesuíta, a maioria das plantas apresentava possibilidades de usos diversos, conforme a parte que fosse usada, como a flor, a folha, a casca ou a raiz, ou, então, diferenciava-se a partir do modo de seu preparo, sendo comuns as beberagens, os pós e as folhas para mastigar, entre outros. Entre as plantas de uso diversificado estava a «coniza mayor» que funcionava como uma espécie de pesticida, espantando pulgas, cobras e aranhas, além de ser aplicada como emplasto e ter função purgativa e abortiva:

Machacada e cosida con bino aplicadas alas mordeduras delas serpientes los socorre y cura las heridas con admiracion asside serpientes como de instrumentos o palos assi como el romero de sus flores ojas y cogollos una onsa cosidas en bino y dado a beber quatro onsas de su cosim.⁶⁰ acelera el parto y hace bajar el mestruo retenido; p.^a sanar el estilidadio dela orina, los torcijones del biente y la ytericia bebidas con binagre el polvo de las mismas cojas sanan la gota coral, su sumo metido en la boca dela matris purgala [...].⁶²

Apesar de descrever as qualidades de todas as plantas referidas no tratado, Montenegro apresenta também dúvidas quanto à adequação e à eficácia do uso de algumas, destacando as contradições existentes entre as opiniões de diferentes autores. Além de evidenciarem seu profundo conhecimento, estas observações parecem revelar uma postura crítica do jesuíta em relação a sua indiscriminada aplicação: «Son los clavos segun Pablo Cgineta odoriferos agudos, y con bastante amargor, calientes y secos en el tercero grad, pero segun la historia de Ethiopia escrita por el padre Manuelte en la cronica de Portugal, es seco en el cuarto grado»⁶³. O mesmo pode ser observado na referência que faz ao «incienso laurel»:

[...] no tengo esperiencia de ella por no haverla sacado, espoco mayor dela del ybabiyo ao rayan montano; esta es la que he podido rastrear de este arbol cierto muy medicinal y amigo dela naturalesa humana para que por aqui

⁶¹ IAP, *Materia Medica Misionera*, Advertências Necessárias.

⁶² IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 136.

⁶³ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 6.

putan otros de mejor ingenio in con el tiempo aberiguando sus virtudes poco a poco por ser tan peligrosas las esperiencias delos simples.⁶⁴

Na «Materia Medica» de Montenegro são também recorrentes as descrições de experiências que ele próprio fazia com plantas, o que, de alguma forma, legitimava e autorizava suas recomendações⁶⁵, como fica demonstrado na descrição feita sobre o «asaro menor» e sua utilização na cicatrização de feridas:

[...] tengo las por calientes en el segundo grado y secos en el tercero aunque halla en la superficial y de sus ojas sierta qualidad fria o templada de suerte que al principio aplicadas alas ericipelas o llagas er(x)icipes latosas las delas piernas repelen en [ilegível] y en parte resuelben *como se puede ver por la experiencia* en toda llaga de destemplansa caliente y en las canserosas con dicha destemplansa como *lo tengo experimentado, y aberiguado barias veces*.⁶⁶

Essa posição é assumida já no Prólogo da obra, no qual Montenegro afirma que a virtude de uma receita residia na sua aplicação conforme a observância de prescrições⁶⁷, pois

⁶⁴ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 27.

⁶⁵ Também na obra *Doctrina Moderna para los Sangradores*, de Ricardo Le Preux, de 1717, a observação e a experiência são exaltadas como procedimentos a serem adotados: «Si en este Tratado me he desviado en algo de las opiniones de los antiguos, no ha sido por falta de la veneración, que se debe a tan grandes varones, sino por no apartarme de la verdad. Con el tiempo se han descubierto muchas cosas, que los antiguos ignoraban, y no es de admirar, porque en las Ciencias, y en las Artes, *que consisten en observaciones, y experiencias, se pueden hacer cada día nuevos descubrimientos* [...]» Ricardo LE PREUX, *Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia*, Madrid, Imprenta de Francisco de Yerro, 1717, p. 37 (grifos nossos).

⁶⁶ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 105 (grifos nossos).

⁶⁷ Os Tratados de Medicina dos séculos XVII e XVIII são compostos por «extenso receituário, indicando os ingredientes e as quantidades das preparações». Foi em decorrência da publicação dos trabalhos de Paracelso que houve significativa mudança na preparação dos medicamentos, já que em «oposição às misturas complexas dos preparados galênicos», foram desenvolvidas «técnicas que visa[va]m obter princípios ativos puros». Os remédios passaram, então, a incluir «sais metálicos, principalmente de antinômio e de mercúrio, e substâncias obtidas por destilação de drogas vegetais. Por isso, os medicamentos eram repulsivos ao paladar e, conseqüentemente, certas porções de açúcar entravam na composição dos mesmos». Catarina Cunha LEAL, Manuela Almeida FERREIRA, «Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra», *Portugalia*, Nova Série, v. XXVII-XXVIII (2007), p. 90. O registro e a regulamentação da preparação de medicamentos deram origem à primeira Farmacopéia oficial – a *Matricense* –, publicada em 1739, que simplificou procedimentos e sistemas de anotação e unificou pesos e medidas, substituindo a *Palestra Farmacêutica* de Palacios que vinha sendo utilizada até então.

[...] *va para 18 años q.^e estoi aberiguando sus qualidades segun su graduacion* [...] te puedo decir como cosa sierta que desde [ilegível] acuerdo tener uso de rason me siento inclinado [ilegível] de conocer y saver la virtud delas plantas y curar com elas a mi y a mis proximos, y *a ellas devo la vida por tres vezes*, q.^e de varias enfermedades y heridas mortales de necesidad; segun varios Autores afirman no ser curables [...].⁶⁸

As recomendações para que as receitas fossem seguidas à risca podem ser encontradas ao longo de todo o tratado, com as advertências de que qualquer mudança na composição das medidas⁶⁹ – ou então da parte utilizada da planta – tornaria a receita perigosa ou provocaria outras doenças, como nesta referência ao «Lino Selvaje» ou «*Mbocayi*»:

La raiz del Mbocayi echa cosim.⁷⁰ una onza de ella o media de sus cortesas en tres quartillos de agua y que [ilegível] ga hasta mermar, el uno tiene virtud especial contra las fiebres malignas tomando de su cosim.⁷⁰ en ayunas ocho onzas con dos de mieles de abejas o xarave de limon o sidra, y assi mismo es remedio alas fiebres putridas, y las mordeduras de vivoras y animalejos [...].⁷⁰

Ao descrever o modo de preparo de uma infusão de rosa mosqueta – eficiente para limpar o sangue, purgar a cólera e a melancolia –, Montenegro resalta que deveriam ser fervidas duas onças da flor em uma vasilha de prata – ou vidrada – e um quartilho de água, após o que deveriam ser misturados. As recomendações quanto ao uso de uma vasilha de prata e ao tempo de duração da fervura – o tempo de uma Ave Maria⁷¹ – são recorrentes em diversas fórmulas.

⁶⁸ IAP, *Materia Medica Misionera*, Prólogo (grifos nossos).

⁶⁹ As receitas, vale lembrar, observavam as unidades de medida vigentes à época, tais como as onças (28,691 gramas), o quartilho (0,665 do litro) e a libra (459 gramas). Ver mais em Licurgo SANTOS FILHO, *História geral da medicina brasileira*, São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1991.

⁷⁰ IAP, *Materia Medica Misionera*, p. 198 (grifos nossos).

⁷¹ Também na *Doctrina Moderna para los Sangradores* – ao ensinar o que deve ser feito durante a aplicação de ventosas – Le Preux refere a utilização de uma medida de tempo baseada em orações: «la aplicarè al instante, apretandola medianamente, è igualmente contra la carne; de fuerte, que pegue bien, lo qual se conocerà, apagandose las candelillas, y levantandose la carne, que será muy breve tiempo, tardare en quitarla como cosa de un Credo, ò dos Ave-Marias, aviendo de sarjarse, para que no se quaxe la sangre». Ricardo LE PREUX, op. cit., p. 98. Sabe-se que «a aplicação de ventosas, aquecidas ao vácuo, para fazer afluír o sangue ao local das infecções [...] foi um tratamento que se prolongou até ao [sic] século XX». Catarina Cunha LEAL e Manuela Almeida FERREIRA, art. cit., p. 97.

O ambiente intelectual encontrado por Montenegro, ao instalar-se no colégio jesuítico de Córdoba⁷², deve ter, com certeza, exercido influência tanto sobre suas atividades como encarregado da botica, quanto sobre aquelas que, na condição de missionário, ele viria a desempenhar junto aos indígenas⁷³: a de «enfermero»⁷⁴, a de cirurgião e a de «autor de Botica». A menos documentada destas três atividades é, sem dúvida, a de «cirujano (*chirurgus*)»⁷⁵. Sabe-se que Montenegro participou dos conflitos decor-

⁷² Se, para alguns historiadores, Montenegro se dirigiu a Córdoba ainda em 1691, o historiador jesuíta Guillermo Furlong opta por não confirmar o ano de sua chegada ao colégio que a Companhia de Jesus mantinha na cidade: «El hermano Pedro Montenegro aparece en Córdoba, desde antes de 1695». Guillermo FURLONG, *Medicos argentinos durante la dominación hispánica*, Buenos Aires, Huarpes, 1947, p. 53.

⁷³ As informações que encontramos sobre o início da atuação de Montenegro como missionário junto às missões indígenas são controversas, já que, para alguns, isto se deu ainda em 1693, e não em 1702, como ele próprio relatou na *Materia Medica*: «y, una vez llegado a las misiones guaraníes, en el año 1693, continuó con sus investigaciones botánicas y las propiedades medicinales de las plantas. Ejerció la medicina en las Misiones, escribió la obra *Materia Medica misionera*, donde resumió sus conocimientos sobre las plantas de la región. Estuvo en Córdoba y Tucumán, adquirió la tuberculosis curando enfermos de pecho». Também para os historiadores espanhóis Carmen Martín Martín e José Luis Valverde, Montenegro dirigiu-se às missões da Província Jesuítica do Paraguai, «en 1693, donde actuó como enfermero y herborista aprovechando precisamente esta formación médica adquirida en Madrid em contacto com los enfermos del hospital». Carmen MARTÍN MARTÍN, José Luis VALVERDE, «Aportación de los naturalistas misioneros a la Botánica Farmaceutica», *Libro de Actas*, Congreso Internacional de Historia de la Farmacia, Granada, 1985, pp. 353-354. Já para Sabine Anagnostou (2011), Montenegro teria se dirigido a Córdoba (Argentina) em 1691, onde completou seu noviciado como irmão coadjutor da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai. Permaneceu no Colégio de Córdoba até 1701, tendo feito seus votos em 1703. O resto de sua vida – cerca de 25 anos – ele passou nas reduções do Paraguai, atuando como profissional da cura e, também, em Córdoba, Tucumán, Buenos Aires e Montevideú.

⁷⁴ Montenegro pôde, efetivamente, exercer a função de enfermeiro, pois, junto ao Hospital Geral de Madrid «adquirió amplia práctica tanto médica como quirúrgica y en farmacopea hispánica». A esta «formación, empírica al parecer, pues no obtuvo nunca título de médico», somou-se «un verdadero talento de observación, [que] le permitió adquirir un sólido conocimiento de nuestra aún desconocida botánica médica». Fernando MAÑÉ GARZÓN, *Historia de la Ciencia en el Uruguay*. Del Descubrimiento al Fin de las Misiones Jesuíticas, Montevideo, Imprenta Tradinco S/A, 1996, p. 231. A atuação de irmãos jesuítas nesta função é confirmada por Pablo Pastells: «se señalaran enfermeros en cada pueblo y llevaran las medicinas ordinarias, como son: ventosas, lancetas, panos para hilar y vendar, sal, cuchillos para foguear, azufre, ajos, piedra de San Pablo, miel de abejas, 12 hamacas, por lo menos, para los enfermos». Pablo PASTELLS, *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1912, Tomo I, p. 287.

⁷⁵ O irmão Montenegro «fue nombrado cirujano de los pueblos e San Borja, San Miguel de la Candelaria y del Ytapuá en 1705», segundo consta em documento publicado em Pablo PASTELLS, *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1933, Tomo V, pp. 61-64.

rentes da disputa pela Colônia de Sacramento entre portugueses e espanhóis⁷⁶, e que

[...] en 1705 volvemos a tener noticias de él; esta vez en un certificado extendido por el capitán de coraceros Andrés Gómez de la Quintana, en ocasión del sitio de la Colonia del Sacramento, para cuya empresa los jesuitas armaron y condujeron un ejército de 4000 indios guaraníes, donde venía, ‘como cirujano para curar heridos’, junto con otros religiosos, el hermano Montenegro.⁷⁷

Além deste documento oficial⁷⁸, que refere a sua participação como cirurgião junto a uma milícia de soldados indígenas, algumas informações, apesar de mínimas, podem ser encontradas na «Materia Medica Misionera», de 1710. Sua atuação nos conflitos parece ter se limitado ao preparo de receitas e a sua administração, já que não há nesta obra qualquer descrição de procedimentos cirúrgicos ou menção a instrumentos utilizados para

⁷⁶ Portugal e Espanha entraram em conflito, por motivos que envolviam a sucessão ao trono espanhol, em 1704, o que veio a ter consequências nos conflitos entre as coroas ibéricas na região do Prata. Inicialmente, cogitou-se o envio de nove mil indígenas missioneiros para o ataque à Colônia, mas os Superiores das Missões do Uruguai e do Paraná não autorizaram sua liberação, temendo pela segurança das reduções. Acredita-se que tenham se deslocado em torno de quatro mil indígenas, provenientes de Corrientes, Córdoba e Tucumán.

⁷⁷ Francisco BAUZÁ, *Historia de la dominación española en el Uruguay*, Montevideo, Barreiro y Ramos, 1895, Tomo I, p. 551. Esta mesma informação pode ser encontrada na Notícia preliminar de Raúl Quintana à *Materia Medica Misionera*. Buenos Aires. Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1945. Ver versão digital disponível na Biblioteca Virtual del Paraguay. Também o historiador jesuíta Charlevoix refere a participação: «O certificado expedido em 15 de junho de 1705, por Baltasar García Ros, destaca os serviços prestados pelos indígenas Diego Gaivipoy, Bonifacio Capi, Juan Mañani e Pedro Mbacapi», e «al lado de ellos [estavam] los hermanos Pedro de Montenegro, Joaquín de Zubeldía y Josef Brasaneli ‘sus cirujanos’». Pierre François Xavier CHARLEVOIX, *Historia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1913, p. 377.

⁷⁸ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN DEL URUGUAY [AGNU], *Archivo Administrativo* (1705-1750), Certificados. Caja 1, carpeta 1 bis, fls. 2 (Certificado de Andrés Gómez de la Quintana: sobre los servicios prestados por los indios de las reducciones en el desalojo de los portugueses de la colonia. 1705, noviembre 29).

esta finalidade⁷⁹, como se pode constatar nesta passagem em que Montenegro refere o sucesso de um preparado à base da raiz de orozus: «Esto tengo con más de cuatro hecho la experiencia, que atravezados el pecho de lanzas y balas^[80], en las guerras que me hallé, que nadie pensaba que los tales pudiesen vivir 24 horas»⁸¹. Ou, então, nesta passagem, na qual refere que combateu as «camaras de contagio» – diarreas sanguinolentas causadas pelas «muchas lluvias; y poco abrigo, y no tener mas que carne, y aquella flaca»⁸² – que haviam atingido os soldados com «arrayán» e «arazá», plantas que nasciam em «abundancia sobre la Colonia de San Gabriel»⁸³.

Também nas reduções, Montenegro parece ter convivido com situações que requeriam mais do que os conhecimentos próprios de um enfermeiro ou boticário, como esta em que um indígena teve «una dislocación,

⁷⁹ Cabe ressaltar que consideramos como procedente a informação de que Pedro Montenegro seja o autor do *Libro de cirugía médica* trasladada de autores graves y doctores para el alivio de los enfermos, de 1725, um compêndio de cirurgia que Montenegro teria escrito e que, segundo alguns pesquisadores, se encontraria na Biblioteca do Convento Franciscano, em Catamarca, Argentina. O *Libro de Cirugía*, segundo Garzón Maceda, possui nove capítulos: «1 Capítulo: Dispensário Médico, conteniendo diferentes fórmulas magistrales de medicamentos, para ser administrados por via oral o em aplicaciones externas; 2 Capítulo: Anatomía del cuerpo humano; 3 Capítulo: El tratado de sangrar; 4 Capítulo: enfermedades de la cabeza; 5 Capítulo: Enfermedades del pecho; 6 Capítulo: Enfermedades de la cavidad abdominal; 7 Capítulo: Enfermedades de las Mujeres; 8 Capítulo: Tratado de las Fiebres; 9 Capítulo: Tratado sobre el pulso: orina y crisis. Algunos tratamientos quirúrgicos; medidas para curar el ‘morbo gálico’ y el Escorbuto. Se Cierra el Tratado de los Pronósticos con tablas que muestran la complexión y aspecto de los siete planetas y los doce signos celestes, entre los cuales está la luna y los días más convenientes para evacuar los humores, por medio de las sangrias o purgantes. [...] Es lo más completo que ha circulado y lo de mayor mérito que puede hallarse entre los códices médicos coloniales que han llegado hasta nosotros [...]». F. GARZÓN MACEDA, *La Medicina en Córdoba*. Apuntes para su historia, Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodrigues Giles, 1916, p. 19.

⁸⁰ Ferimentos como os registrados por Montenegro eram, de fato, inevitáveis, já que as tropas «venían muy bien armadas», sendo que os indígenas seguiram para o conflito «con diferentes bocas de fuego con sus frascos, y bolsas bien providos de pólvora y balas; y otros con lanzas, dardos, arcos con mucha cantidad de flechas, macanas y piedras, armas naturales suyas» Ver AGNU, *Certificado de Andrés Gómez de la Quintana*, Caja 1, carpeta 1 bis (fl. 2).

⁸¹ Pedro MONTENEGRO, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945, p. 176.

⁸² Pedro MONTENEGRO, op. cit., p. 176. Como bem apontado por Schiaffino, «En las cuatro expediciones militares, donde invariablemente se agregarán los enfermeros, el aspecto higiénico y sanitario ocupaba un lugar importante». ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN DEL URUGUAY, *Archivo del Sr. R. Schiaffino*, Caja 245, carpeta 21 (Originales de su obra Historia de la Medicina en el Uruguay. Tomo II, cap. II, La Colonia de Sacramento).

⁸³ Pedro MONTENEGRO, op. cit., p. 37. Montenegro se refere à pitanga e ao guabiju como *arrayán blanco* e *arrayán negro*, respectivamente. Ambas as plantas eram indicadas para o tratamento de distúrbios estomacais e intestinais, por suas propriedades antidiarreica e antidiarréica. Também a espécie *Psidium L.*, denominada como *guayabas* ou *arazá* pelo irmão jesuíta, é indicada para os males do estômago e intestinos.

con grave contusión del espinazo y rodilla de un Indio, que por recojer *guabirás* se cayó del arbol sobre piedras, quedando alli casi muerto»⁸⁴; no entanto, ele afirma ter recorrido a um bálsamo de «*yuquirípeí*», que «mitigó los dolores, y quitó la inflamacion en 24 horas»⁸⁵. Em outra passagem, Montenegro ressaltava os benefícios da utilização «del unguento del *Guni-lemí*» – já referido por Andres Alcazar, médico e professor em Salamanca, autor de livros de cirurgia, com destaque para um em que aborda o tratamento de feridas na cabeça –, que «es admirable en las heridas penetrantes del pecho y ventre, porque saca las materias y sangre de lo interno por la herida y el ardor de la llaga al mismo tiempo», podendo ser também

⁸⁴ Vale ressaltar que na Europa, e mesmo na América, cabia aos cirurgiões-barbeiros, que não possuíam formação nas Academias, a realização de práticas cirúrgicas – que previam o tratamento de fraturas e amputações – e sangrias. De qualquer modo, o tratamento de fraturas ósseas na América portuguesa previa a indispensável manipulação e emprego de fármacos, aos quais se somavam emplastos, ataduras de panos, talas e muita aguardente para lavar as lesões e imobilizar o ferido. Recomenda-se ver mais em Jean Luiz ABREU, «A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das “Luzes” e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa», *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 14, n. 3 (2007), pp. 761-778; Christian FAUSTO, Monique, Rafael Dias da Silva CAMPOS, «O cirurgião, o físico e as quebraduras: tratamento e cura de fraturas ósseas em dois manuais de medicina do século XVIII», *Antíteses*, v. 6, n. 12 (2013), pp. 239-268; Junia FURTADO, «Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial», *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. XL (2005), pp. 88-105. Considerando que os jesuítas enfermeiros contavam com «las medicinas ordinárias» nas boticas instaladas nas reduções, tais como «ventosas, lancetas, panos para hilar y vendar, sal, cuchillos para fogear, azufre, ajos, piedra de San Pablo, miel de abejas», é muito provável que acabassem desempenhando as funções próprias dos cirurgiões-barbeiros. No caso de Montenegro, consideramos plausível que tanto o conhecimento prévio na Espanha, quanto a experiência adquirida no cuidado de ferimentos como os resultantes de quedas ou de conflitos bélicos – e que caberiam a estes profissionais das artes de curar – tenham sido fundamentais para a concepção e a elaboração do *Libro de Cirugía*, cujo sumário pode ser consultado na obra de Garzón Maceda (1916).

⁸⁵ Pedro MONTENEGRO, op. cit., p. 244. Também algumas reduções contaram com boticas que dispunham de «el azufre, el alumbre, el sal, el tabaco, la pimienta, la enjuicia de gallina, la graxa de tigre, buey y de carnero y pólvora. Fuera de estos simples tenían siempre prontos tres calabazas llenas de unguentos compuestas una de ellas con un verde hecho con sebo y veinte hierbas distintas y las cortezas de arboles famosas por sus virtudes medicinales». AGNU, *Archivo del Dr. R. Schiaffino*, Tomo II, cap. II (La Colonia de Sacramento). Caja 245, carpeta 21.

empregado nas «quebraduras de los huesos y graves contorciones oseas [...] como yo me he valido y me valgo de el»⁸⁶.

Como se pode constatar, para além do método e da observação rigorosa que caracterizavam a coleta, a catalogação e as experimentações com plantas medicinais realizadas pelo irmão jesuíta Montenegro, bem como as receitas que integram a «Materia Medica Misionera», parecem comprovar tanto a permanência de práticas curativas nativas e de procedimentos próprios da medicina acadêmica [hipocrático-galênica], quanto uma refinada convergência de saberes e de práticas científicas, resultante das experiências por ele realizadas na América⁸⁷.

Mais do que comprovar «sus aficciones desde niño y su estudio favorito – la virtud de las plantas para curarse con ellas y a sus proximos», o «ingenio» e a erudição do jovem galego formado no Hospital de Madrid, a obra nos revela um Montenegro pensador, que põe à prova os conhecimentos dos autores clássicos «por la experiencia» e que investe «el tiempo aberiguando poco a poco las virtudes [das plantas]», não limitando-se à compilação de virtudes, receitas e procedimentos terapêuticos divulgados nos tratados que ele tão bem conhece. Condição que, aliás, o levou a afirmar que as plantas que havia descrito não se encontravam «en ninguno de los herbarios escritores, ni tampoco en ninguna otra parte»⁸⁸.

Em outro momento, consciente das implicações das posições autorais que assumiu, o irmão jesuíta chegou a antever as críticas que seriam fei-

⁸⁶ Pedro MONTENEGRO, op. cit., p. 237. Dentre as espécies nativas produtoras de óleos essenciais terapêuticos, que compunham os bálsamos empregados no tratamento de lesões externas indicados por Montenegro, estava a cupay (*Copaifera sp.*) ou copaíba. Na América portuguesa setecentista, os emplastos utilizados na regeneração de ossos fraturados eram feitos também primordialmente à base de copaíba, embaúba e terebintina. Já para doenças ósseas, causadas por fraturas, o físico Jean Vigier, autor de *Thesoro Apollineo, Galenico, Chirumico, Chirugico, Pharmaceutico*, de 1714, recomendava que fossem administrados remédios de duas classes em caso de fóssea: os ácidos (espírito de sal, espírito de mel, óleo cáustico de antimônio, óleo de vitríolo) e os alcalinos poderosos (euforbio, óleo de papel, alcanfor sem ácidos e cáustico atual). Ver mais em Christian FAUSTO, Monique PALMA, Rafael Dias da Silva CAMPOS, art. cit., pp. 239-268.

⁸⁷ O inventário da botica do Colégio de Córdoba – iniciado em fevereiro de 1768, logo após a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios de domínio espanhol e concluído somente em 1772 – parece confirmar esta afirmação, ao relacionar «vinos, unguentos, lameadores, aceites, esencias, espíritus, bálsamos, tinturas y elixires, sal volátil, emplastos, ‘confecciones’, preparaciones y polvos, píldoras, polvos cordiales, harinas, raíces, gomas, suecos, flores y aguas». Ao lado de preparados à base de nitro-ácido e amoníaco, como os «vinos», e de águas, como a rosada, de melissa e de canela, encontravam-se os ‘polveros’ extraídos da ipecacuanha, planta medicinal americana. Carlos PAGE, Maria Cristina Vera de FLACHS, art. cit., p. 123.

⁸⁸ Pedro MONTENEGRO, op. cit., p. 264.

tas a «este pobre ignorante [que] quiera ir contra las reglas de un Dios Corides [*sic*], Mathiolo, y Laguna, y otros muchos q.^o en esta facultad han escrito»⁸⁹, recomendando que as receitas por ele indicadas fossem sempre administradas «en la forma que digo, y con las circunstancias que pide la medicina»⁹⁰.

A trajetória do irmão jesuíta Pedro Montenegro e o processo do qual resultou a escrita da «Materia Medica Misionera» parecem, efetivamente, comprovar a existência de uma «epistemologia práctica», aquela que se impôs nas zonas periféricas dos impérios ibéricos, e que se traduziu em «complejos procesos de redefinición del sujeto», resultantes das tensões próprias da experiência missioneira de «representantes del orden letrado en las fronteras»⁹¹.

Sessenta e um anos depois da «Materia Medica Misionera», o padre jesuíta José Sanchez Labrador, durante seu exílio em Ravena, daria início à escrita de uma obra – o *Paraguay Natural Ilustrado* – que contemplará as virtudes de plantas medicinais nativas e os saberes e práticas curativas que havia observado ao longo dos anos em que atuou como missionário na Província Jesuítica do Paraguai. Também nesta obra, assim como na «Materia Medica Misionera», encontramos evidências tanto da circulação de saberes relativos às artes de curar entre os vários espaços de atuação da Companhia de Jesus, quanto da apropriação de saberes e práticas curativas nativas e, conseqüentemente, da inegável contribuição de vários grupos indígenas da América platina⁹². É sobre o *Paraguay Natural Ilustrado* que tratamos na continuidade.

Da experiência com as artes de curar ao registro sobre plantas e insetos que curam: uma escrita desde o exílio

Assim, como muitos outros padres e irmãos jesuítas que o precederam nas terras de missão americanas, Sanchez Labrador não se dedicou, exclusivamente, à conversão dos indígenas, mas também ao estudo da fauna e da

⁸⁹ Pedro MONTENEGRO, op. cit., Modo de Recojer.

⁹⁰ Pedro MONTENEGRO, op. cit., Prefácio.

⁹¹ Ivonne DEL VALLE, *Escribiendo desde los márgenes*, Colonialismo y jesuítas en el siglo XVIII, México, Siglo XXI, 2009, p. 13.

⁹² De acordo com seus biógrafos, entre 1747 e 1757, o padre jesuíta atuou junto às reduções de «Yapeyu, Trinidad, Jesús, Loreto, San Ignacio Mini, San Ignacio Guazu, San Cosme y San Damián e San Lorenzo», convivendo, assim, com indígenas guaranis, zamucos, chiquitos, mbayás e guaicurús. A partir de 1757, passou a atuar em *Apóstoles* (Santos Apóstolos ou Apóstolos São Pedro e São Pablo), tendo como companheiros os padres Lorenzo Ovando e Segismundo Asperger, este último reconhecido por sua atuação como médico e boticário.

flora americana que observou nas diversas regiões da Província Jesuítica do Paraguai em que atuou como missionário.

A obra *Paraguay Natural Ilustrado*, escrita entre os anos de 1771 e 1776, conta com 100 ilustrações feitas pelo próprio autor e divide-se em quatro Partes. A primeira possui 558 páginas e divide-se em três Livros: Diversidade de terras e corpos terrestres; Água e várias coisas a ela pertencentes; e Ar, ventos, estações do ano, clima destes países e enfermidades mais comuns. A segunda Parte conta com 500 páginas e trata, especificamente, da Botânica. A terceira se divide nos seguintes livros: Animais quadrúpedes (166 páginas); Aves (127 páginas); e Peixes (128 páginas). A quarta e última Parte da obra, que possui 373 páginas, conta com os livros: Animais anfíbios; Animais répteis; e Insetos. Neste tópico, nos deteremos no último livro da Quarta Parte, destacando não apenas as mais variadas formas de utilização de insetos no tratamento de certas enfermidades, como também evidências de troca e de circulação de saberes e práticas curativas entre europeus e indígenas.

Dentre os insetos referidos no último livro do «*Paraguay Natural*» se encontram os escorpiões, *yapeuzu* em guarani, os quais, segundo Labrador, se amassados e colocados sobre a própria picada de seu ferrão, conseguiriam deter o progresso do veneno no corpo da vítima, levando à cura. Para confirmar esta indicação, Labrador se vale da opinião de outro jesuíta, o padre Athanasius Kircher⁹³, que afirmava que os escorpiões atraíam o seu próprio veneno através de uma virtude magnética. Ainda contra o veneno destes insetos, seria bastante eficiente o emprego de «Aceyte de Alacranes» – ou azeite de escorpiões –, produzido através da infusão de escorpiões em azeite de amêndoas, que deveria ser aplicado sobre a área picada⁹⁴. De acordo com o jesuíta, os indígenas, quando picados por escorpiões, ingeriam estes animais amassados misturados à bebida fermentada, enquanto outros preferiam colocar o azeite dentro da ferida. O escorpião,

⁹³ O padre jesuíta Athanasius KIRCHER (1601-1680) foi um eminente professor do Colégio de Roma, tendo atuado também como matemático, físico e astrônomo.

⁹⁴ A utilização destes insetos como um contraveneno, isto é, como um antídoto contra seu próprio veneno, constitui-se em evidência da aceitação e aplicação da medicina dos contrários por Sanchez Labrador. De uma maneira geral, os recursos terapêuticos apresentados nos tratados hipocráticos são as dietas, os medicamentos e a cirurgia. O tratamento, por sua vez, baseava-se na utilização de ações e medicamentos contrários (*to enantíon*, mais tarde *contraria contrariis curantur*), semelhantes (*tó hómoion*, mais tarde *similia similibus curantur*) e dissemelhantes (*tó anómoion*, a futura alopatia). A maior parte dessas concepções serviu como pano de fundo para a teoria humoralista, da teoria *contraria contrariis*, que defendia que os contrários se curavam entre si, razão pela qual os médicos que adotavam este princípio receitavam *medicinas frias* para as *enfermidades quentes* e *remédios secos* contra *enfermidades úmidas*. Ver mais em Pedro Laín ENTRALGO, *La medicina hipocrática*, Madrid, Alianza Universidad, 1982.

segundo ele, possuía também virtudes diuréticas, auxiliando no tratamento de pedras nos rins e na bexiga, devendo, nestes casos, ser queimado vivo e suas cinzas consumidas posteriormente. Para contornar este mesmo problema, era indicado o azeite de escorpiões, devendo-se untar a região da bexiga e dos rins, para, assim, amenizar as dores e ajudar o enfermo a expelir as pedras. O azeite podia, ainda, aliviar dores de ouvido, quando pingado nas orelhas.

Também os grilos possuíam uma grande quantidade de sal volátil e de óleo, sendo, por isso, também eficientes como diuréticos. Estes insetos deveriam ser colocados em um vaso de terra tapado, que deveria ser aquecido sob fogo baixo, para, logo após, serem reduzidos a um pó, que deveria ser dado ao paciente – na quantidade de doze grãos ou mais –, acompanhado de água de salsa. Outra forma de utilizá-los como medicamento, sem que fosse preciso tostá-los, previa que dois ou três desses insetos, após terem removidas suas asas, pernas e cabeças, fossem colocados em água de salsa ou alecrim. Estes insetos deveriam ser deixados em maceração nessa água até que ela se tornasse um licor praticamente branco como leite, que deveria ser coado em um pano e dado de beber para o enfermo. Os grilos também teriam uso externo, já que, após serem amassados e aplicados nos olhos, ajudavam a clarear a visão, sendo também eficientes na cura de parótides e outros tumores do mesmo gênero.

Sanchez Labrador registrou duas formas de preparo de grilos por indígenas. Uma delas consistia em cozinhar alguns grilos, retirar suas tripas e moer o restante de seus corpos até tornarem-se pó, ao qual era acrescentado um «licor conveniente» dado aos doentes que padeciam de problemas dos rins ou bexiga, com grandes resultados. A outra recomendava que, nos casos de urina contida, o doente recebesse o preparado resultante da seguinte receita: dois grilos deveriam ser tostados em uma caçarola de barro, moídos e misturados em um pouco de vinho, água bem cozida ou chicha de milho. Mas, se o paciente sofresse de incontinência urinária, deveria receber um só grilo, amassado e não tostado, misturado com um pouco de água morna. Eles poderiam ser também colocados em um palito e tostados no fogo, como nesta indicação: «y ya tostados muelelos en un poco de vino caliente: este vino mezclado con los Polvos de [Luiyis], *darás ao Indio, o India, que padeciere la retención de orina, y esta poco a poco fluirá*»⁹⁵.

⁹⁵ ARCHIVO HISTÓRICO DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS [ARSI], *Paraguay Natural Ilustrado*. Noticias del pais, con la explicación de phenomenos physicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. (Versão manuscrita de 1771, do padre jesuíta José Sanchez Labrador), p. 366 (grifos nossos).

Assim como os grilos, os piolhos continham sal volátil e óleo, sendo indicados nos casos de icterícia e febres, recomendando-se que fossem engolidos de cinco a seis deles, no princípio do paroxismo. Concordando com o proposto pelo químico francês Nicolás Lemery⁹⁶, Labrador resalta que o paciente que demonstrasse aversão e apresentasse náuseas ao engolir os piolhos, estaria, na verdade, expelindo a febre e não o remédio em si. Para curar a icterícia, as orientações eram as seguintes: alguns destes insetos deveriam ser consumidos pela manhã – em jejum – em um ovo passado pela água, repetindo-se três vezes este procedimento por três dias consecutivos, interrompendo-se por alguns dias para, depois, repetir o procedimento. O uso externo dos piolhos, segundo Sanchez Labrador, era frequente em crianças que sofriam de retenção urinária, recomendando-se que o inseto fosse colocado vivo sobre alguma parte do corpo do enfermo.

Em relação a este último Livro da quarta Parte do *Paraguay Natural Ilustrado* chamou-nos a atenção o fato de que praticamente todos os insetos citados por Sanchez Labrador apresentam propriedades diuréticas, auxiliando, ainda, no tratamento de pedras nos rins e na bexiga. Esta constatação, que precisa ser estudada mais detidamente, parece apontar para a alta incidência destas enfermidades entre os grupos indígenas contatados ou observados pelo missionário jesuíta, e que podem estar relacionadas com mudanças nos hábitos alimentares, mais especificamente, da introdução do consumo de sal ou de açúcar, após a intensificação do contato com os europeus⁹⁷.

Percebe-se, ainda, que Sanchez Labrador fundamenta o emprego terapêutico destes insetos a partir de pressupostos da teoria humoralista, na medida em que levam o enfermo a expelir os excessos dos humores em desequilíbrio. A apropriação da teoria hipocrático-galênica pode ser cons-

⁹⁶ O químico francês Nicolas Lemery nasceu em Rouen, em 1645, e morreu em Paris, no ano de 1715. Era membro da Academia de Ciências e sua obra mais famosa foi *Curso de Química* (1675). Sánchez Labrador, no entanto, refere outras obras suas, tais como *Farmacopea Universal* (1697), *Tratado Universal das drogas simples* (1698), *Tratado do Antimônio* (1707) e *Nova Recopilação de segredos e curiosidades mais raros* (1709).

⁹⁷ Dietas ricas em proteína, sódio (sal) ou açúcar podem levar à formação de cálculos renais, que são formações endurecidas nos rins ou nas vias urinárias, resultantes do acúmulo de cristais existentes na urina. No caso das dietas com presença elevada de sal, elas aumentam a quantidade de cálcio que os rins deverão filtrar, o que consequentemente leva a um risco maior. Também o baixo consumo de líquidos ou doenças do trato digestivo, como inflamação gastrointestinal e diarreia crônica, podem causar mudanças no processo de digestão, afetando diretamente a absorção de cálcio e água e aumentando as chances de formação de pedras nos rins e/ou bexiga. Outra causa para a formação de cálculos renais é o excesso ou, então, a falta de citrato, substância presente, principalmente, nas frutas cítricas; falamos então de híper e hipocitratúria, respectivamente.

tatada em várias passagens, como na referência que o jesuíta faz à náusea provocada pela ingestão de piolhos, que consistiria, segundo ele, justamente, na maneira de o corpo eliminar a febre.

Ao longo das mais de trezentas e setenta páginas deste livro, Sanchez Labrador evidencia não apenas a apropriação dos saberes e das práticas curativas nativas, mas também a legitimação ou a refutação dos pressupostos de vários autores europeus, aos quais ele recorre para fundamentar suas afirmações e descrições das indicações terapêuticas e modos de preparo dos insetos. Dentre os referidos pelo padre jesuíta, destacam-se Robert James (1703-1773), Nicolás Lemery (1645-1715), Esteban Geoffroy (1672-1731), Jacques-Cristophe de Bomare (1731-1807), Marcial (38/40 d.C.-?), Dioscórides (40 d.C.-90 d.C.), Padre Athanasius Kircher SJ. (1601-1680), Martin Lister (1638-1712), Johann Schröder (1600-1664) e Cláudio Galeno (129-199/217 d.C.).

A referência a Galeno pode ser encontrada na passagem em que menciona a utilização de «agua destilada de Moscas [...] contra los males de los ojos; para servirse de ella la mezclan con una yema de huebo, y forman emplasto. Galeno aprueba este remedio»⁹⁸. Ao tratar das propriedades terapêuticas do mel das abelhas, Labrador deixa bastante evidente as leituras que realizou e os autores nos quais se baseava: «Otras virtudes excelentes dela Miel podrán leerse en las Pharmacopeas Matritense, de Lemery, Palacios, James»⁹⁹. Mas, ao referir-se à cera de abelha, o jesuíta deixa evidente sua discordância em relação ao já afirmado por Lemery que:

[...] juzga, que no hay mas cera virgen, que la que en las colmenas se llama propolis, y en Guarani *Eyborá*; que es una especie de Matice dorado, o rubicundo, el qual contiene mucho oleo, y poca sal volátil acida. Es error este de Lemery, y solo impropriamente puede la Propolis llamarse Cera Virgen.¹⁰⁰

Em outra passagem, que trata especificamente das sanguessugas, o jesuíta ressalta as acertadas recomendações feitas pelo químico francês:

Para aplicar las sanguijuelas son necesarias algunas precauciones, que podran verse en el Diccionario de Drogas Simples de Lemery. Este Auctor enseña, que si por casualidad, bebiendo agua, se trago alguna sanguijuela, luego o se beba agua salada en abundancia, porque con ella desiste este

⁹⁸ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 368.

⁹⁹ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 362.

¹⁰⁰ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 362.

insecto de atormentar; y que después se purgue con Mercurio dulce, u otra composición Mercurial.¹⁰¹

O diálogo que Labrador mantinha com as concepções e obras de outros homens de ciência da Companhia de Jesus fica atestado em uma passagem na qual faz referência aos escorpiões, mencionando que «Cree el P. Kircher que los Alacranes atrahen el veneno por cierta virtud magnética; pero Hoffmann /in Medic. Rat. Syst. tom. P. 2. Cap. 2. §. 27. lo tiene por fabula, que atraiga por magnetismo»¹⁰².

Para abordar as propriedades terapêuticas de aranhas e de suas teias, Sanchez Labrador recorre aos trabalhos tanto de Martin Lister, quanto de Robert James, como se pode constatar nas passagens que destacamos. Em relação ao primeiro autor, o jesuíta afirma que em seu «/Tractat. De Araneís/ [Lister] las atribuye muchas facultades medicinales; pero se desean buenas pruebas, fundadas en experiencias»¹⁰³. Na referência que faz ao segundo, Labrador recorre a James não apenas para legitimar as virtudes e o mais adequado procedimento terapêutico, como para reforçar sua eficácia a partir de experiências bem sucedidas e de registros que a comprovam:

James escribe que se ha de tomar una vez una hora antes que venga el paroxismo; y otra vez quando ya esta próximo a venir. Dice, que le informaron, que los indianos en la Carolina Septentrional, tiene grande confianza en este remedio para el dicho mal, a que están muy expuestos. Añade, que un amigo suyo, que había estado muchos anos en aquellas tierras, le asseguro, que el mismo había sanado de aquel mal con la tela de Araña. Concluye James, y de hecho, la experiencia misma confirma la eficacia de este remedio para sanar las calenturas, que vienen con frío.¹⁰⁴

Este recurso narrativo de legitimação pode ser também observado em outras duas situações, nas quais, ao referir-se à cochonilha, o jesuíta respalda suas descrições em autores como Geoffroy, Schröder e Lemery:

Geoffroy dice, que se usa la cochonilla para todos aquellos fines, a los quales sirve el Chermes. [...] En los Pasmos delas Quixadas, en que estas se aprietan de modo que se cierra fuertemente la boca, son excelentissimo, y prompto remedio, cogese un pedacito de Grana, (que es la substancia de los Gusanos) como una Almendra; desliese en vino; abrese la boca del enfermo con algún palito, y se le hecha en ella la dicha infusión algo tibia con una

¹⁰¹ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 369.

¹⁰² ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 363.

¹⁰³ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 363.

¹⁰⁴ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 363.

cuchara: luego sele desetan los nervios, y habla. Practique este remedio en una ocasión, que llamado a confessar una enferma en la ciudad de Buenos Ayres, la encontré con el referido Pasma. Pudo por este medio confessarse a satisfacción. De otras virtudes dela Grana, vease Schroder en el Libr. citad. Geoffroy. Lemery.¹⁰⁵

Schröder será novamente mencionado na descrição que Labrador faz das virtudes medicinais dos besouros: «Dice Schroder, que el aceyte hecho de la infusión de estos insectos, puesto en el oído, o instilado en la oreja, quita los dolores de los oídos, y la sordera»¹⁰⁶. Mas esta não será a única forma de preparo dos «escarabajos», uma vez que Labrador irá destacar também «El modo mejor de hacerlos polvo, segun Hartmannes, es [...] meter algunos escarabajos en un vaso de tierra; taparle bien, y ponerle al sol a secar; después moerlos»¹⁰⁷.

Referindo-se à utilização terapêutica de piolhos, Labrador descreve e, ao mesmo tempo, desacredita uma das práticas adotadas, afirmando que: «En quanto a el uso externo, sirven para los Niños [os indios], que padecen supresión de orina: suelen poner vivo un Piojo en el Cañoncito, que con la titilación se ensancha, y da lugar a que la orina salga. Schroder no aprueba esto»¹⁰⁸. Por outro lado, ressalta a eficácia de outra forma de utilizá-los, sobretudo, por assegurar, em uma perspectiva humoralista, a retomada do equilíbrio:

Densele al enfermo al principio del paroxismo cinco, o seis, y que los trague, o mas o menos, según se juzgare conveniente. Nota muy bien Lemery, que por ventura al asco, y nausea, que siente el paciente al tomarlos, conduce para expeler la calentura mas, que el mismo remedio.¹⁰⁹

Por sua condição de autor erudito, o jesuíta Sanchez Labrador produziu uma obra em que fica, portanto, evidente a «necessidade de um comentário autorizado da parte de quem é suficientemente «sábio» ou «profundo»¹¹⁰. Entretanto, o que chama a atenção, especificamente, neste livro do «*Paraguay Natural*», não são as recorrentes remissões e evocações aos conhecimentos de autoridades reconhecidas, mas as menções que Labrador faz às contribuições de outros sujeitos, no caso, os indígenas, a quem

¹⁰⁵ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 365.

¹⁰⁶ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 366.

¹⁰⁷ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 366.

¹⁰⁸ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 368.

¹⁰⁹ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 368.

¹¹⁰ Michel de CERTEAU, *A escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, p. 82.

denomina de «inteligentes» e «sábios» em algumas situações. Em uma das descrições sobre a utilização terapêutica de grilos (*quiyu*, em guarani), encontramos menção aos indígenas que Labrador denomina de «inteligentes», os quais atuavam como curandeiros:

En el Paraguay un inteligente los preparaba, como ya digo. Cocía levemente unos Grillos, les sacaba las tripas, molía lo demás; y estos polvos daba en licor conveniente a los que padecían dela orina: fluía esta, y quedaba aliviado el paciente. Otro tostaba dos Grillos en una cazuela de barro, los molia; y en un poco de vino, o de agua bien cocida, o de Chicha (Aloxa) de Maiz los daba a beber al enfermo, que padecia dela retención de la orina; obraba luego el buen efecto. Por el contrario si la enfermedad era de demasiado flujo de orina, le daba al enfermo un solo Grillo sin tostar, machacado, y en infusión de un poco de agua tibia.¹¹¹

Em outra ocasião, ele afirma que presenciou dois «inteligentes» e «sábios» indígenas preparando grilos, com o propósito de curar um índio que se encontrava enfermo, e que o procedimento teve resultados positivos. Essa prática de nomeação ou de adjetivação da conduta de certos indígenas traz consigo certa distinção, na medida em que Labrador, apesar de não percebê-los como iguais [em termos de conhecimentos] aos cientistas europeus, acaba diferenciando estes «inteligentes» e «sábios» dos demais indígenas. Como bem observado por François Hartog, a nomeação do outro faz parte do processo da retórica da alteridade e envolve, principalmente, a classificação deste outro, que seria essencial, pois «classificando o outro, classifico-me a mim mesmo e tudo se passa como se a tradução se fizesse sempre na esfera da versão»¹¹².

É importante lembrar que as observações que Labrador fez do emprego de insetos na cura de certas enfermidades decorrem das experiências que vivenciou como missionário na Província Jesuítica do Paraguai. Esta especial condição – de religioso com a missão de evangelizar e civilizar os indígenas – se manifestará, sem dúvida, nas apreciações que fará das práticas curativas indígenas. Neste sentido, vale ressaltar que:

La separación que realizaba el jesuita entre indígenas “más racionales” y “menos racionales” se basaba en el uso de especies vegetales como medicamentos, porque para él la medida de la lógica se daba en relación con el acercamiento al mundo natural, utilizando y aprovechando sus ventajas, a la

¹¹¹ ARSI, *Paraguay Natural Ilustrado*, p. 366.

¹¹² François HARTOG, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999, p. 259.

vez que se despreciaba lo sobrenatural (el shamanismo, la magia en suma), prueba clara de irracionalidad.¹¹³

No «*Paraguay Natural*», Sanchez Labrador parece estar em sintonia com os avanços no estudo dos invertebrados – particularmente dos insetos – observados no século XVIII, uma vez que não contenta-se em referi-los como «bichos venenosos» ou como organismos «imperfeitos» e, por isso, não dignos de atenção. Opondo-se a esta forma tão negativa de perceber os insetos, aponta para as virtudes terapêuticas de alguns deles e para seu largo uso pelos indígenas americanos. Em razão disso, o Livro sobre os «pequeños vivientes» – como a eles se referia Sanchez Labrador – não se caracteriza por descrições fantasiosas ou crenças arraigadas, oferecendo pelo contrário evidências do estreito convívio do jesuíta com os indígenas junto aos quais atuou como missionário.

O padre jesuíta apresenta suas virtudes e indicações, tencionando sua adequação ao sistema europeu e à teoria humoralista hipocrático-galênica, em consonância com sua condição de europeu e de religioso, e não desconsiderando os saberes próprios dos grupos indígenas com os quais conviveu. Neste sentido, é importante ressaltar a posição privilegiada ocupada pelos jesuítas missionários na produção e divulgação do conhecimento científico e etnográfico americano, pois, como bem observado por alguns estudiosos, eles cumpriram «una importante función en la búsqueda de información», pois se encontravam fisicamente na América, «conviviendo con los indígenas y en un medio ambiente lleno de objetos naturales ‘novedosos’ y por lo tanto esperando su catalogación»¹¹⁴.

Nesta perspectiva, é correto afirmar que os registros que Labrador fez dos saberes e das práticas curativas indígenas – que se caracterizavam pelo emprego de plantas e de insetos – levaram em conta, tanto as obras que consultou na biblioteca do Colégio de Valladolid e, posteriormente, na do Colégio de Córdoba, quanto o diálogo que estabeleceu com outros homens de ciência – durante seu exílio em Ravena, na Itália, período durante o qual dedicou-se à sistematização das informações levantadas na América e à escrita do «*Paraguay Católico*» e do «*Paraguay Natural*».

Por outro lado, Sanchez Labrador estabeleceu contínuas relações e comparações entre as práticas curativas indígenas e europeias, fundamentando suas observações no conhecimento divulgado por autoridades em

¹¹³ Maria Sílvia DI LISCIA, op. cit., p. 40.

¹¹⁴ Ivone DEL VALLE, op. cit., p. 52.

Medicina e Farmácia. Em algumas situações, contudo, ele contestou certas concepções europeias, contrapondo-as às observações e experiências que realizou durante o período de sua atuação como missionário junto aos indígenas da região platina. Sua narrativa parece, portanto, sobrepor e mesclar as experiências que vivenciou na América àquelas próprias de seu período de formação na Europa e, ainda, às que viverá durante o exílio na Itália. A obra *Paraguay Natural Ilustrado* constitui-se, por isso, em valiosa contribuição tanto para a compreensão dos efeitos das experiências nas terras de missão americanas sobre as concepções [relativas à Medicina] dos missionários da Companhia de Jesus, quanto para a reconstituição dos saberes e práticas curativas dos grupos indígenas americanos.

Considerações finais

Não é incomum que os pesquisadores sobre temáticas circunscritas à História Colonial se deparem com relatos produzidos por missionários ou funcionários reais, nos quais, mais do que descrições minuciosas dos mais variados aspectos da vida indígena, encontram-se evidências de sua intenção de compreender por que os nativos agiam de maneira tão distinta da europeia. Da adoção deste procedimento, resultou uma grande quantidade de informações que nos possibilitam reconstituir as mais variadas expressões dos grupos indígenas tanto da América portuguesa, quanto da espanhola.

Considerando as condições em que se deu o avanço colonial sobre as terras americanas, a personalidade – os talentos – de cada missionário e o isolamento a que muitos deles estiveram sujeitos, é de se esperar que muitos destes registros – quer sob a forma de cartas, diários e crônicas, quer sob a forma de obras como as *Matérias Médicas* e as *Histórias Naturais* – tenham sofrido importantes influências dos saberes indígenas. Influências que se expressam tanto nas ratificações ou retificações às compilações botânicas e zoológicas já consagradas, quanto nos questionamentos acerca das expressões de religiosidade e de humanidade dos indígenas. Ao formularem tais questionamentos e, especialmente, ao registrarem as mais variadas práticas ligadas à vida individual e coletiva indígena, estes missionários não apenas desencadearam uma vasta circulação de conhecimentos sobre as populações nativas americanas, como propiciaram também a difusão dos saberes e fazeres indígenas, especialmente, daqueles relacionados às plantas medicinais nativas.

Uma parte considerável da produção historiográfica que se detém na documentação produzida pelos missionários da Companhia de Jesus considera que ela «enuncia, por princípio, uma versão a partir da visão jesuítica», impedindo qualquer «possibilidade de se fazer outra leitura»¹¹⁵. Esta percepção pode ser observada em trabalhos que, além de difundirem visões estereotipadas, têm se limitado «a repetir e comentar as descrições dos cronistas da época»¹¹⁶, negligenciando a discussão em torno do seu «grau de criatividade» e agentividade dos indígenas¹¹⁷.

Dentre, especificamente, os autores que refletiram sobre as razões do êxito da experiência reducional na Província Jesuítica do Paraguai, muitos o apresentam como única e exclusivamente decorrente do esforço dos missionários, devido à «notória mentalidade infantil dos indígenas» e ao fato de que eles «tão pouco eram talentos criativos»¹¹⁸. Neste artigo, contudo, nos propusemos a apontar para a possibilidade de extrairmos o protagonismo indígena da documentação jesuítica, para, assim, compreendê-los como sujeitos ativos e restituir-lhes a importância devida na conformação dos saberes difundidos na América e na Europa, em especial, daqueles relacionados com a Botânica Médica.

Mais do que saberes negados ou compartilhados, as *Ânuas*, a «Materia Medica Misionera» e o *Paraguay Natural Ilustrado* apontam para a conformação de uma «escritura liminal», que ocupa «un lugar intermedio entre el orden letrado y las fronteras»¹¹⁹. Nelas, ficam evidenciados não apenas os complexos processos de redefinição de concepções e de papéis a serem desempenhados pelos missionários – sujeitos perpassados pelas tensões próprias das experiências vividas nas terras de missão –, como também os papéis que cabiam, originalmente, aos indígenas e aqueles que viriam – com destacado protagonismo – a desempenhar efetivamente.

¹¹⁵ Maria Leônia Chaves de RESENDE, Jesuítas: os mestres do Ñeengatú. *Estudios Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXV, n. 1, 1999, pp. 244-245.

¹¹⁶ Bartolomeu MELIÀ e Liane Maria NAGEL, *Guaranés y jesuítas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica*, Santo Ângelo, RS, URI, Centro de Cultura Misionera, Asunción, CEPAG, 1995, p.107.

¹¹⁷ Bartolomeu MELIÀ; Liane Maria NAGEL, op. cit., p. 197.

¹¹⁸ Odilon JAEGER, A liturgia nas reduções dos guaranis. *Perspectiva Teológica*, Ano II, n. 3, 1970, pp. 203-205.

¹¹⁹ Ivonne DEL VALLE, op. cit., pp. 14-15.

Referências bibliográficas

- ABREU, Jean Luiz, «A colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das “Luzes” e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa», *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 14, n. 3 (2007), pp. 761-778.
- ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN DEL URUGUAY, *Archivo del Sr. R. Schiaffino*, Caja 245, carpeta 21, (Originales de su obra Historia de la Medicina en el Uruguay. Tomo II, cap. II, La Colonia de Sacramento).
- ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN DEL URUGUAY, *Archivo Administrativo* (1705-1750), Certificados. Caja 1, carpeta 1 bis, fl. 2, (Certificado de Andrés Gómez de la Quintana: sobre los servicios prestados por los indios de las reducciones en el desalojo de los portugueses de la colonia. 1705, noviembre 29).
- ARCHIVO HISTÓRICO DE LA COMPAÑÍA DE JESÚS [ARSI], *Paraguay Natural Ilustrado*. Noticias del país, con la explicación de fenómenos físicos generales y particulares: usos útiles, que de sus producciones pueden hacer varias artes. (Versão manuscrita de 1771, do padre jesuíta José Sanchez Labrador).
- ARQUIVO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS [IAP], *Materia Medica Misionera*. (Manuscrito de 1790, atribuído ao irmão jesuíta Pedro Montenegro).
- ARQUIVO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS [IAP], *Cartas Ânneas de la Provincia del Paraguay – 1650-1652* (C.A.) [Versão manuscrita 1927].
- ARQUIVO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS [IAP], *Cartas Ânneas de la Provincia del Paraguay – 1659-1660* (C.A.) [Versão manuscrita 1927].
- ARQUIVO DO INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS [IAP], *Cartas Ânneas de la Provincia del Paraguay – 1720-1730* (C.A.) [Versão manuscrita].
- ASÚA, Miguel de *La ciencia de Mayo. La cultura científica en el Río de la Plata, 1800-1820*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2010.
- AYALA, Geronimo, *Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad*, Valencia, Jayme de Bordazar editor, 1705.
- BARCELLOS, Arthur, *O Mergulho no Seculum*, Porto Alegre, Editora Animal, 2013.
- BAUZÁ, Francisco, *Historia de la dominación española en el Uruguay*, Montevideo, Barreyro y Ramos, 1895.
- CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge, *Como escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*, México, Fondo de Cultura Económica, 2007.

- CERTEAU, Michel de, *A escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- CHAMORRO, Graciela, *Decir el Cuerpo – Historia y etnografía del cuerpo en los pueblos Guaraní*, Asunción, Tiempo de Historia e Fondec, 2009.
- CHARLEVOIX, Pierre François Xavier, *Historia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1913.
- DEL VALLE, Ivonne, *Escribiendo desde los márgenes*, Colonialismo y jesuítas en el siglo XVIII, México, Siglo XXI, 2009.
- DI LISCIA, Maria Sílvia, *Saberes, Terapias y Prácticas Médicas en Argentina (1750-1910)*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto de Historia, 2002.
- DOBRIZHOFFER, Martin, *Historia de los Abipones [1784]*, Resistência, Universidad Nacional Del Nordeste, 1967.
- DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA [DHA], *Cartas Ánuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Provincia de la Compañía de Jesús. 1615-1637*, Tomo XIX, Buenos Aires, Talleres Casa Jacobo Preuser, 1927.
- ECHENIQUE, Nora Inês e FERREIRA, Miriam Mirabel, «La Medicina en las Reducciones Jesuíticas», *Anais*, Santa Rosa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, (1985), pp. 251-262.
- ENTRALGO, Pedro Laín, *La medicina hipocrática*, Madrid, Alianza Universidad, 1982.
- FAUSTO, Christian; PALMA, Monique; CAMPOS, Rafael Dias da Silva, «O cirurgião, o físico e as quebraduras: tratamento e cura de fraturas ósseas em dois manuais de medicina do século XVIII», *Antíteses*, v. 6, n. 12 (2013), pp. 239-268.
- FIGUEROA, Luis Millones e LEDEZMA, Domingo, (eds.). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*, Madrid, Iberoamericana, 2005.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann, *Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus (América platina, séculos XVII e XVIII)*, São Leopoldo, Editora Oikos, 2014.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann, «Da mística às luzes – medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis da Província Jesuítica do Paraguai», *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 32 (2006), pp. 153-178.
- FLECK, Eliane Cristina Deckmann, POLETTI, Roberto, «“Esto es lo que yo buscaba [...] el conocimiento de las yerbas, y su aplicación”: sistematização e difusão dos conhecimentos sobre virtudes de plantas medicinais (América meridional, séculos XVII e XVIII)», *Anos 90*, v. 19, n. 35 (2012), pp. 419-444.

- FURLONG, Guillermo, *Medicos argentinos durante la dominación hispánica*, Buenos Aires, Huarpes, 1947.
- FURLONG, Guillermo, *Naturalistas Argentinos durante la dominación Hispánica*, Buenos Aires, Editorial Huarpes, 1948.
- FURLONG, Guillermo, *José Cardiel y su Carta Relación (1747)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1953.
- FURLONG, Guillermo, *Misiones y sus Pueblos de Guaranés*, Buenos Aires, Teorema, 1962.
- FURTADO, Junia, «Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial», *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. XL (2005), pp. 88-105.
- GARZÓN MACEDA, F., *La Medicina en Córdoba*. Apuntes para su historia, Buenos Aires, Talleres Gráficos Rodrigues Giles, 1916.
- GESTEIRA, Heloísa Meirelles, «Manuscritos Médicos e circulação de idéias nas missões jesuíticas na América», *Anais Eletrônicos*, VII Encontro Internacional da ANPHLAC, Campinas, SP (2006), pp.01-08.
- GRACIA, Joaquim, *Los jesuitas en Córdoba – Desde la Colonia hasta la Segunda Guerra Mundial*, Córdoba, Editora de la Universidad Católica de Córdoba, 2006.
- HARTOG, François, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- HERNÁNDEZ, Pablo, *Organización Social de las Doctrinas Guaranés de la Compañía de Jesús*, Barcelona, Gustavo Gili Editores, 1913.
- LABRADOR, José Sanchez, *El Paraguay Católico [1770]*, Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, 1910.
- LE PREUX, Ricardo, *Doctrina Moderna para los sangradores, en la qual se trata de la flebotomia, y arteriotomia*, Madrid, Imprenta de Francisco de Yerro, 1717.
- LEAL, Catarina Cunha, FERREIRA, Manuela Almeida, «Cuidados de higiene e de saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra», *Portugalia*, Nova Série, v. XXVII-XXVIII (2007), pp. 1-30.
- MAÑÉ GARZÓN, Fernando, *Historia de la Ciencia en el Uruguay*. Del Descubrimiento al Fin de las Misiones Jesuíticas, Montevideo, Imprenta Tradinco S/A, 1996.
- MARTIN MARTIN, Carmen, VALVERDE, José Luis, «Aportación de los naturalistas misioneros a la Botanica Farmaceutica», *Libro de Actas*, Congreso Internacional de Historia de la Farmacia, Granada, 1985, pp. 353-359.

- MELIÀ, Bartolomeu e NAGEL, Liane Maria, *Guaraníes y jesuítas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica*, Santo Ângelo, RS, URI, Centro de Cultura Misioneira, Asunción, CEPAG, 1995.
- MONTENEGRO, Pedro, *Matéria Medica Misionera*, Buenos Aires, Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945.
- MORENO, Aníbal Ruiz, *La Medicina en “el Paraguay Natural” (1771-1776) del P. Jose Sanchez Labrador S. J.: Exposición comentada del texto original*, Tucuman, Universidad Nacional de Tucuman, 1948.
- MUHN, Juan, *La Argentina vista por viajeros del siglo XVIII*, Buenos Aires, Huarpe, 1951.
- PAGE, Carlos, Maria Cristina Vera de FLACHS, «Textos Clásicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay», *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*, n. 13 (2010), pp. 117-135.
- PASTELLS, Pablo, *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victorino Suárez, 1933.
- PASTELLS, Pablo, *História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1912.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Obras Médicas de Pedro Hispano*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1973.
- RESENDE, Maria Leônia Chaves de, Jesuítas: os mestres do Ñeengatú. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXV, n. 1, 1999, pp. 235-257.
- RIBERA, Francisco Suarez de, 1724-1725, *Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos*, Madrid, por Francisco del Hierro.
- SAINZ OLLERO, Hector, SAINZ OLLERO, Hélios, CARDONA, Francisco Suárez, ONTAÑÓN, Miguel Vázquez de Castro, *José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*, Madrid, Mopu, 1989.
- SANTOS FILHO, Licurgo *História geral da medicina brasileira*, São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1991.